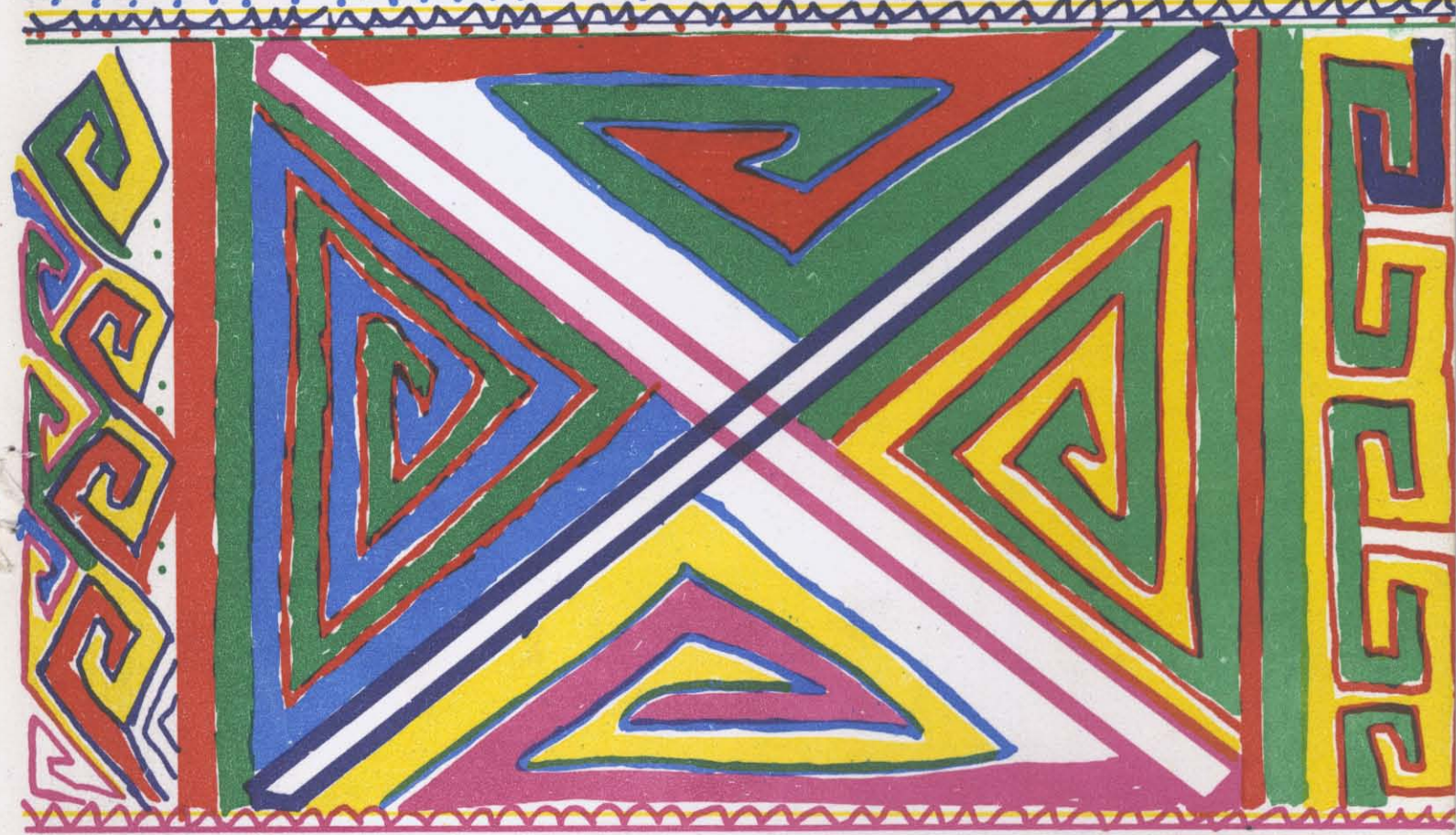
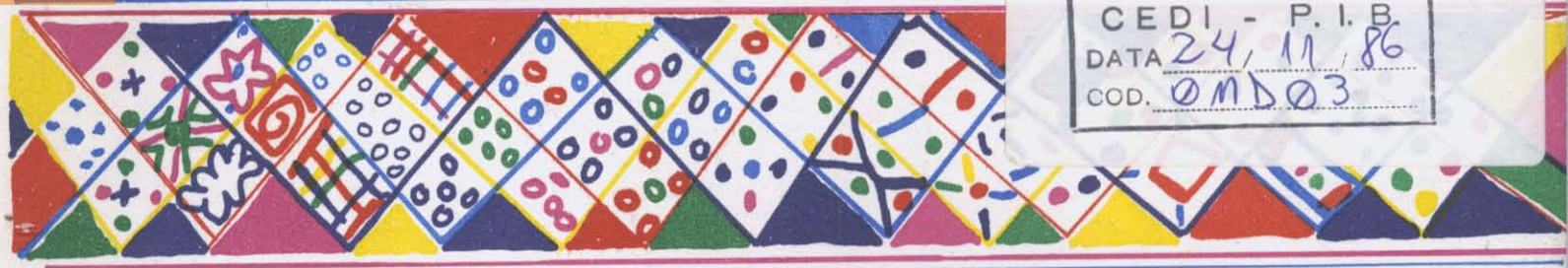


CEDI - P. I. B.
DATA 24, 11, 86
COD. 0MD03



"ESCOLAS DA FLORESTA"

Este é o quarto livro escrito e desenhado por monitores indígenas da Amazônia Ocidental com a colaboração de seus alunos, nas atividades didáticas em Língua Portuguesa, durante os cursos de sua formação. Resulta de uma pesquisa, iniciada em 1984 e ainda em processo, cujo objetivo é promover uma reflexão sobre as escolas indígenas do "Projeto Uma Experiência de Autoria". Nele, índios de diversas etnias da região são sujeitos e agentes fundamentais de sua educação, do planejamento e execução à avaliação, contando com assessoria de técnicos educacionais da Comissão Pró Índio e FUNAI/Acre e consultorias de professores da UFRJ e UNICAMP.

Os textos e desenhos, aqui reunidos, são amostra das principais idéias pedagógicas expressas pelos monitores e alunos, no esforço que vem fazendo de pensar e executar um Projeto Educacional Pós Contato, que lhes interesse, informe, fortaleça e dignifique.

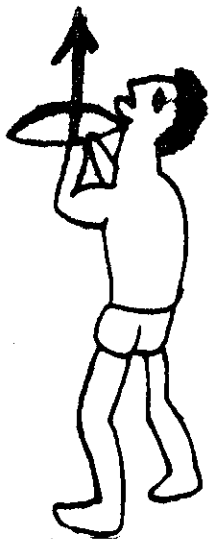
Para que a pesquisa fosse iniciada, diversas questões/temas foram formuladas em forma de perguntas, com a finalidade de estimular nos monitores/alunos a livre expressão e comunicação oral e escrita de pontos de vista sobre educação indígena em vários aspectos: currículo, materiais didáticos, calendário e sistema de avaliação escolar; relação de escola com a cooperativa, o artesanato, a demarcação de suas terras, etc.

Durante as atividades didáticas de pós alfabetização, entre o 2º e 3º Cursos de Formação, estas questões foram sendo analisadas por escrito pelos monitores, fora ou dentro da sala de aula, o que propiciou situações de troca de experiências e opiniões.

Assim, as perguntas e suas respostas funcionaram como instrumento valioso de pesquisa, a partir de uma ótica indígena, revelando um universo variado de representações e expectativas sobre Educação. Escrito e desenhado no próprio espaço didático escolar, este livro agora volta aos autores e às escolas, em forma de material de leitura e estímulo ao prosseguimento da reflexão pedagógica entre seus grupos de alunos.

A formulação por escrito destes textos contribui também para que monitores/alunos desenvolvam-se nas técnicas de leitura, expressão e comunicação, através do texto opinativo ou dissertativo, etapa didática posterior aos textos descritos/narrativos, que caracterizam os livros "Estórias de Hoje e Antigamente" (1984) e "Fábrica do Índio" (1985), já publicados e integrantes do currículo das escolas.

A leitura dos textos/reflexões aqui reunidos indica algumas características comuns do que podemos chamar de um Projeto Pedagógico-Político Indígena, em desenvolvimento nas suas "Escolas da Floresta", ainda que diferentes entre si, na medida exata da diversidade étnico-lingüística das nove nações participantes do programa educacional por nós assessorado.



PARA QUE SERVE ESTUDAR?

Serve para nós sabermos as horas do relógio. Quantas horas tem por dia. Quantos minutos tem dentro da hora. Quantos segundos tem dentro de um minuto. Para saber preço da mercadoria da cidade, para defender prisão na mão do furacão, para não acabar com trabalho da gente sofrida. Estudar serve para saber nossa quantidade de trabalho, saber falar com vocês, entender as escolas na cidade e a escola na floresta, quais são as diferenças das duas. Sobre a tradição de respeito, pela leitura que nós temos para alfabetizar nós índios mesmos. Outros não estão fazendo coisa certa por nós, então por isso que nós trabalhamos para vocês verem também e saber receber e usar o respeito. Com força nativa e pelos 500 anos até 1984. Nome floresta amazônica e o sul com norte redondo. Lançamento da nossa maneira de encontro em 1985 com liderança indígena do Acre. Maneira de acordo para saber respeitar, para entender com FUNAI o que é que ela faz. Para viver e fazer ainda com sua família. E com força da discussão deles e nós professores, mostramos nosso trabalho para vocês respeitarem nossa escola da floresta. E nós índios vivemos nesta terra que nem vocês, temos braços para segurar e temos pernas também para andar na terra e temos barriga para alimentar o nosso corpo, temos olhos para ver a gente nesta terra, o dia do nosso mundo, claridade redondinha. E temos cabeça para saber aprender o que a gente aprende na vida, sempre sabendo nossa língua, para nós sabermos falar com outros, para tirar a prova como no Português e no Japonês, Americano, Mexicano, Inglês com abc mais n o y. Como toda língua fala, nós falamos também com nossa língua dos índios do Acre. Somos onze nações diferentes da outra, como tem no sul do Brasil todo. Já vivo estudando. Como estudamos na floresta com nosso costume,

com nossa letra própria índia. Nós somos índios reprodutores da seringa, índios do Acre, corto para saber a existência de nossa vida, pela vida de 500 anos no Brasil, com chegada de D. Pedro Alvares Cabral. Ele não tem dinheiro para pagar tudo que fez com nosso povo e o aluguel da nossa terra. Multiplica: 500 X 1984. Então, se daqui para frente ele não pode pisar mais em cima de nós, perdoamos a todo pecador. Isso vamos sentir quando começar chegar nossa dívida de 60 anos, 80 anos, 90 anos, 120 anos, para tirar nosso passaporte. Na cidade Salvador, para ter nosso documento, para mostrar a quem não acredita nos índios da floresta e do sul.



Osair Sales Siã

O estudo de português serve para ler as escrituras passadas de uma hora, uma semana, um mês, 20, 80 ou 100 anos atrás. Serve para escrever nomes de gente, de pássaro, de peixes, de caças e nomes das árvores, nomes das terras, praias, pedras, nomes de cobras, nomes de plantas, sol, lua, estrela, nome de abelha. E a matemática serve para contar os números, quantos minutos tem uma hora, quantas horas tem um dia, quantos dias tem uma semana, quantas semanas tem um mês, quantos meses tem um ano.

Uma hora tem 60 minutos, um dia tem 24 horas, uma semana tem 7 dias, um mês tem 30, 31, 28 dias, um ano tem 12 meses, um ano tem 365 dias, e os dias são dirigidos por sol, lua, estrela, vento, chuva e frio, terra e água.



João Carlos Kiã

O estudo serve para tudo nesse mundo que a pessoa não pode detalhar.

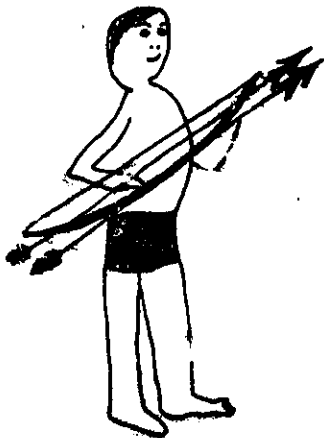
Mariazinha Naweni Yawanawã

O estudo serve para muita coisa que tem no mundo de leitura. Vou contar do que eu conheço sobre o trabalho da leitura: Primeira coisa que serve estudar é conhecer as letras e depois formar palavras e saber assinar o seu nome. Depois que aprender essas letras e palavras, serve para fazer bilhete e anotar algumas mercadorias que compram na cooperativa, e tirar conta dos fregueses que compram na cooperativa e quando souber anotar as mercadorias e tirar contas dos fregueses, já serve para tomar conta da cooperativa. Quando estiver tomando conta da cooperativa, pode resolver qualquer problema que ele pode resolver sobre o trabalho da cooperativa e ensinar a alguém que não souber daquele canto. Todas essas coisas servem para quem estuda. Então, é mais importante a gente estudar mais vezes possíveis enquanto tiver a vida. Então, é importante a gente aprender todas essas coisas e mais algumas coisas que a gente não conhece.



Joaquim Paulo Kaxi

Serve para muitas coisas. É para saber ler e escrever e tirar as contas para não ser roubado pelo patrão branco. Pra saber como é que leva pra frente a nossa cooperativa. E como é que nós podemos viver nas nossas áreas. E serve para saber como é que nós podemos viver na nossa comunidade com nossos povos. E também serve para saber como é que trabalha na cantina.



Norberto Sales Kaxi



Seringal novo
Segredo Rio Jordão

Este desenho é do Norberto Sales
Temes.

O estudo serve para a gente escrever tudo o que a gente quer e também ler os jornais que aparecem, saber das notícias que são mais importantes. O estudo serve tam**be**m para a gente não ser enganado pelos patrões brancos e nem pelos marreteiros.

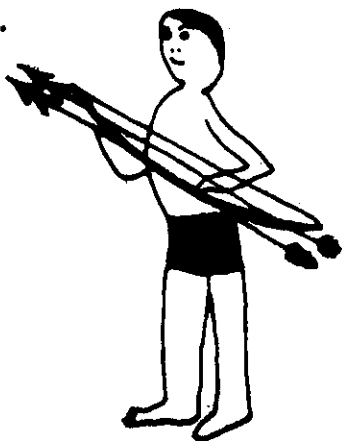
Francisco - Km 45 - Apuriná

O estudo é para ler, para mandar carta e educar as crianças. É importante estudar pra aprender alguma coisa, pra ficar mais sabido, tirar conta e saber ler e escrever. Também as outras: para ficar enfermeiro, dentista, professor e guarda-livro. Isso que nós estudamos, isso que nós aprendemos: o que é mais importante.

Francisco das Chagas - Kaxi do Caucho

POR QUE É IMPORTANTE A ESCOLA ENTRE VOCÊS?

Nós nascemos lá e nos criamos lá. Se for outra pessoa lá para ensinar, passa dois, três dias e volta, como já aconteceu com FUNAI. Contrata gente da cidade, vai na aldeia, passa três ou dois dias e volta. Quando chega na cidade, fala que índio só come e dorme. Mas, nesses três dias que ele passou lá, só foi na primeira casa e as outras casas estão querendo aprender também. Quando terminar o fim do ano, os professores ficam ganhando o salário deles em nome da escola na aldeia. No outro ano, é a mesma coisa. Daí que achamos importante ter escola entre nós, porque somos da região. Por isso é que nós aprendemos a ler, escrever e saber números. Não só saber aprender, saber fazer também funcionar nossa escola, pelo próprio professor-índio. O professor-índio não tem ordem para obrigar aluno estudar. Vai na escola imediatamente dois dias. Se ele achar estudar mais importante, ele estuda até seis dias, um mês, três meses, três anos, daí pra frente. De geografia, a, b, m, n, o, k. Estudamos para saber valorizar a nossa terra, e saber viver em cima dela com nosso povo, lutado, massacrado pela boca da espingarda, mexendo com dez dedos. Nós somos filhos desta terra também. Não podemos sofrer mais do que isso, já pagamos nossa dívida. Agora seguimos para frente, perdoamos o que fizeram com a gente. Há tempos atrás eram cinco milhões de índios, diminuiu mais e agora são poucos, cento e cinquenta mil. Só nós não queremos acabar a nossa raça, porque somos filhos do pai.



Osair Sales Siã



5

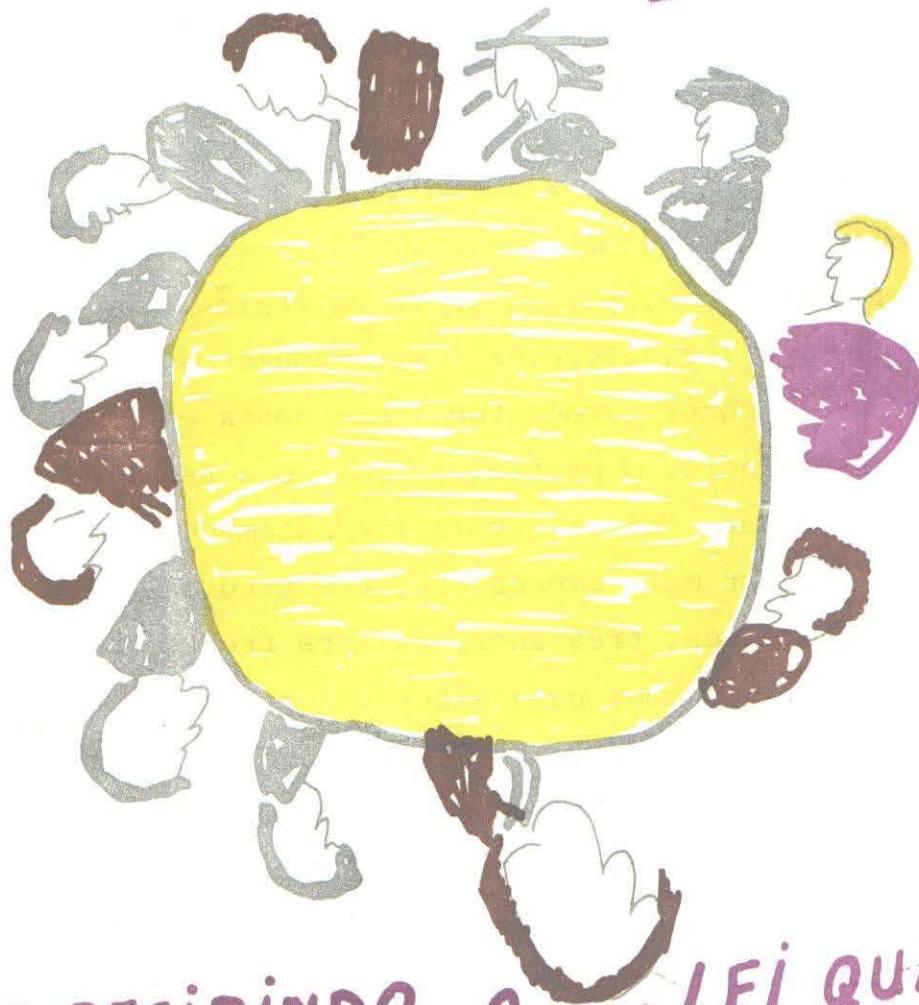
CONSTITUINTE

FRANCISCO

APURINÃ.

25-03-86

REUNIÃO EM
BRASÍLIA



ESTAMOS DECIDINDO A LEI QUE DEFENDE
OS DIREITO DOS ÍNDIOS BRASILEIROS
NÓS QUEREMOS A CONSTITUIÇÃO
QUE DEMARQUE A NOSSA TERRA

É importante estudar ainda porque nós estamos administrando a nossa área indígena do rio Jordão. E não queremos nenhum administrador cariú dentro da nossa área. Nós mesmo é que estamos administrando a nossa área do rio Jordão.

João Kiã Kaxinawã

É importante estudar ainda para aprender mais do que a gente já sabe. E é bom porque a gente esclarece mais a cabeça e limpa mais a vista e cria mais idéias. E é bom estudar ainda para saber mais, para não ser enganado por ninguém, no peso da borracha e no preço das mercadorias e nem quando for tirar a conta dos fregueses.

João Carlos Kiã Kaxinawa

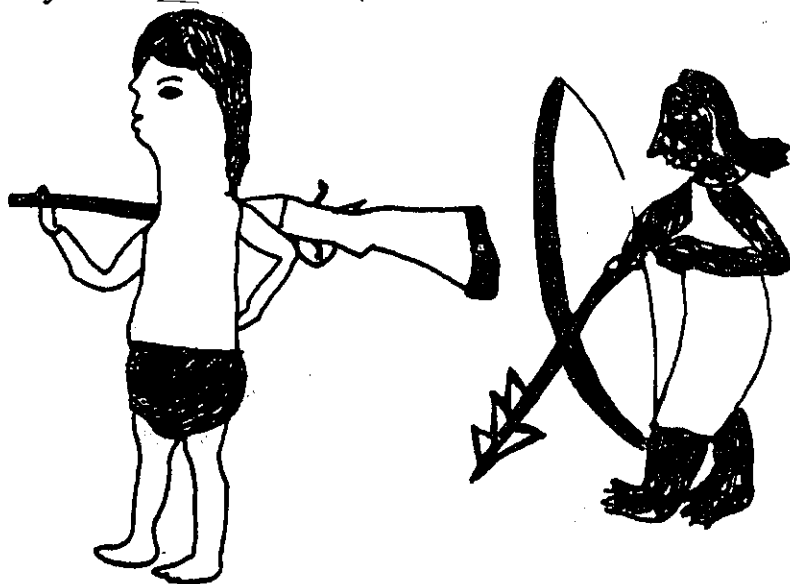
Eu acho importante estudar, porque eu quero saber organizar coisas, porque eu quero alfabetizar o meu pessoal no Seringal Bondoso, porque nós somos todos analfabetos. Por isso, eu quero estudar, por isso eu acho importante estudar.

Edson Ixã Kaxinawã

Eu acho importante estudar porque a gente aprende o jeito dos brancos. Os brancos são mais pra frente que os índios. Então, eu acho importante a gente aprender a ler e a escrever.

Francisco Apurinã

Oíhe! A minha idéia, eu acho que o próprio índio já está na hora de se organizar. O índio sendo professor dentro da sua aldeia, é a coisa mais importante pro próprio índio. Melhor que as lideranças indígenas, ficarem pedindo um professor branco, que trabalha na FUNAI, que fica junto com índios, sendo chefe dos índios.



Francisco Apurinã



QUE FUTURO VOCÊS MONITORES QUEREM PARA AS ESCOLAS DE SUAS ALDEIAS?

O futuro que nós monitores queremos na nossa escola de cada aldeia é o nosso salário e a demarcação da nossa terra com todas as nossas riquezas dentro. Nossa estrada de seringa, nosso pique de caçada, nosso lago, nossa varação, nosso poço de pesca, nossa madeira de lei, nossa caça: porco, veado, anta, etc. Nossos roçados com plantações: milho, mandioca, banana, cana, amendoim, batata-doce, cará, mamão, inhame, algodão, oáca. Nossas frutas da mata, genipapo para pintura do corpo, tumê mãe, nuta, himiá, etc. Queremos retransmitir a estória do nosso povo, que nós fomos enganados pelas mãos dos patrões seringalistas. Também queremos o futuro da nossa escola, para os alunos aprenderem a ler e escrever. Depois de aprendido, os alunos podem nos ajudar, na escola e na cooperativa. E discutir com outros alunos que vão começar a estudar. O futuro que nós monitores queremos na nossa escola é esse.

João Carlos Kiã Kaxinawa

Nós monitores queremos futuro de demarcação das nossas terras. E já temos futuro de nosso contexto cultural, através do nosso mito também. Dentro do futuro, queremos ter a nossa escola na aldeia funcionando, pelos próprios nós índios mesmos. Nós monitores queremos o futuro de nosso trabalho. Da escola queremos o nosso salário, para poder ver, conhecer e discutir na cidade, com outros professores e professoras e com alunos também. E falar com governo e com antropólogo, com jornalista e com comerciante e para saber financiar com o Banco do Estado do Acre, para ele saber do nosso trabalho. E o jornalista fazer matéria dos índios sofridos, para outro nosso irmão ficar sabendo. Quem trabalha, tem direito de comer com seus filhos. Quem vive nesse mundo tem direito

de fazer sua vida nesse chão. A terra não é só para uma pessoa e sim para todos nós e vós que vivemos dentro, para fazer a nossa vida em cima dela, com nosso povo. Enquanto tivermos desse lado.

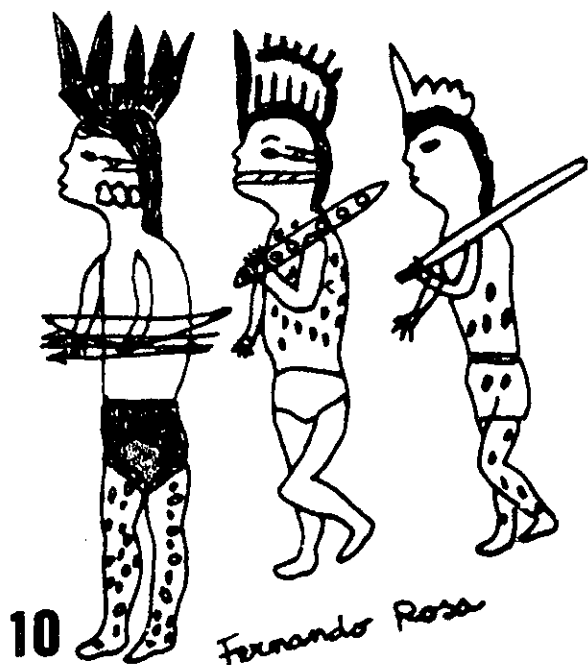
Osair Sales Siã Kaxinawa do Jordão

Futuro que nós queremos para nossa escola é demarcação da terra. A nossa terra estando demarcada, nós temos todo o futuro para nossa escola. Nós queremos a terra demarcada para não haver confusão dentro da nossa área. E o futuro que nós monitores queremos é mais sabedoria na nossa cabeça, aprendida pelo próprio professor. Nós monitores desejamos este futuro: aprender mais, para ensinar dentro da nossa escola. É a demarcação da nossa terra que nosso povo deseja, porque dentro dessa terra nós ensinamos e aprendemos o que a gente souber.

Joaquim Paulo Maná Kaxinawa

Assim, eu acho importante alfabetizar o nosso povo: é pra organizar também nosso pedaço de terra. Mas, primeiro esclarecer a realidade da nossa terra. E a demarcação da nossa terra. Eu vi o futuro da nossa terra, eu vi que não tem mais branco. Na nossa terra tem muitas coisas.

Edson Medeiros Ixã Kaxinawa





QUAIS OS ASSUNTOS QUE ACHAM IMPORTANTE ESTUDAR?

Os assuntos que achamos importante aprender daqui pra frente são esses: som ãn e a; pontuação, vírgula, til, vogais; quais são as diferenças de s, com ç; e já, com xa e cha, para saber as diferenças dos outros ga, gue, go, gu; e o som que, qui, ca, co, cu, cão e lha, lhe, lhi, lho, lhu; som ar, er, ir, or, ur. O som, nós sabemos som dessas letras y, w, k, ã, e o som hãtakuĩ kapoyã, e a letra conhecida ABC: nosso cativo quem obriga para aprender a língua espanha do português, que existe no Brasil para transmitir com outro, para saber o que é que significa. Aprender ler, escrever. As nossas escolas, começamos a estudar nelas derradeiro, vamos aprender e ensinar nosso povo da floresta, o som zão e são. Que já sofremos muito, nós queremos estudar para sair das mãos de escravos, para o branco não ficar só em cima dos índios sofridos. Nós também somos gente desta fruta redonda, com a respiração nesse ar que protege nosso corpo, bebendo água do rio misturada com sumo da floresta. Vivemos como nossa luz do dia sem preço nenhum um por trás do sol. Vem lua, estrela. Seis até 12 número $6 \times 2 - 12 \times 2 = 24$ horas. Estamos na frente da doce flor que dá força para nós todos que existimos. Queremos saber assunto: o governo o que é que significa para a gente, saber o que é que significa a Polícia Militar e saber assunto promessa da FUNAI, que vinha garantindo desde 500 anos atrás. Para saber o que é que a FUNAI faz por índio.

Osair Siã

Os assuntos que nós achamos importante estudar ainda: é a língua portuguesa e a nossa própria língua. A língua portuguesa é para entender a cultura do Brasil, para fazer um



contrato com a SUDHEVEA, para comprar as mercadorias mais baratas e aprender colocar dinheiro no banco. E a pontuação, vírgula, os significados das palavras, introduzir a palavra da nossa língua para a língua portuguesa. E a nossa língua, é para nós não esquecermos as estórias dos antigos, dança do mariri, a cantiga do cipó. O nosso batismo, o tirim, o nosso artesinato.

João Carlos Kiã Kaxi Jordão

Os assuntos que nós achamos importante é sobre a pontuação no final das letras e no meio das palavras e algumas letras que tem o som igual que é s, ss, e ç, c. Essas 4 letras a gente conhece, só que a gente fica confuso se essas letras são no começo das palavras ou no meio ou no final. Então, nós desejamos aprender esses pontos e esses sons e mais algumas letras e sons dentro das palavras que a gente não conhece. E alguns assuntos que a gente acha importante estudar são sobre a formação de agente de saúde, que é o mais importante. Saber dar o medicamento, como saber dar o remédio para o adulto, como saber dar o remédio para a criança e como dar drágeas e líquido. Como dar injeção no músculo e na veia e saber dar quantas vezes por dia ao adulto e à criança. E saber tratar de golpes e feridas. Tudo isso a gente acha importante aprender e mais algumas coisas que tiver na formação do agente de saúde.

Joaquim Sales Kaxi

Meu amigo José, ele disse que ta aprendendo a ler, escrever e conversar. Mas, não é só isso que eu vou aprender. Eu vou aprender muita coisa no meu trabalho também.

José Domingos Kaxi Purus

Constituinte constituição



Constituinte é lugar
a onde vai ser
Planejado como vai
funcionar o Brasil
e qual vai ser
o trabalho que vai
ficar para se trabalhar

É o índio precisa
estar lá.



Fernando Luiz Yawamawa

A SUA LÍNGUA INDÍGENA, É IMPORTANTE ESTUDAR NA ESCOLA? POR QUE?

A nossa língua é importante, porque nós aprendemos as letras que se escrevem na língua indígena. E que as letras são as mesmas, mas têm som igual e diferente, que não se escreve como no português.

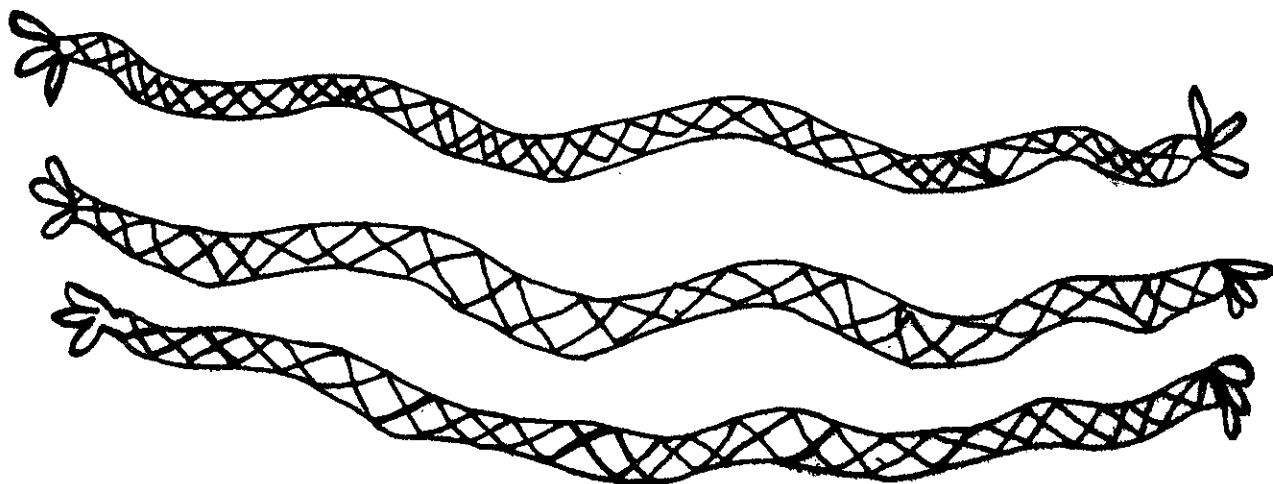
Joaquim Paulo Kaxi

A nossa língua indígena eu acho importante, porque os nossos alunos, que não entendem a palavra no português, nós podemos dizer primeiro na nossa língua. E depois, nós podemos dizer no português o que é que significam as palavras. É também importante escrever nosso mito, o mariri e a nossa língua. E muitas coisas que nós podemos fazer.

Edson Medeiros Kaxi

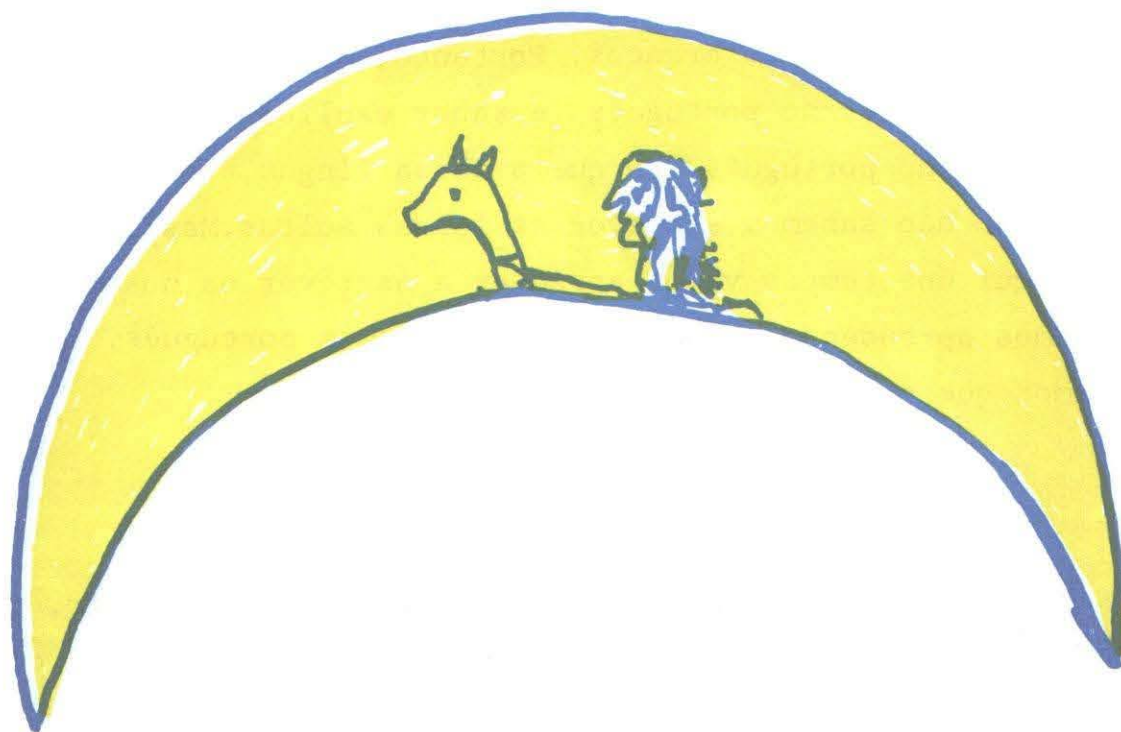
Se é importante estudar o nosso idioma na escola? Eu acho importante, porque nós, como índios, sabemos dois idiomas.

Francisco Araujo Kaxi Tamandaré



USHE BENA

LUA NOVA



BARI, SOL



Kaxinauí
Paulo
Joaquim

QUAL A LÍNGUA QUE VOCES PREFEREM APRENDER PRIMEIRO A LER E ES
CREVER NA ESCOLA? PORTUGUÊS OU A SUA LÍNGUA? POR QUE?

Na escola nós preferimos aprender logo o português, por que nós negociamos com os brancos. Portanto, nós queremos aprender a ler e escrever no português, e saber explicar as palavras que são usadas no português. Porque a nossa língua, nós já sabemos falar, só não sabemos escrever as letras soltas. Mas, já sabemos que daqui uns tempos vamos aprender a escrever na nossa língua. Estamos aprendendo primeiro as palavras em português, que nós achamos que é mais difícil.

Joaõ Carlos Kiã

Na escola, quero primeiro aprender a ler e escrever, para estudar a minha língua também. Porque quero falar junto com meus pais.

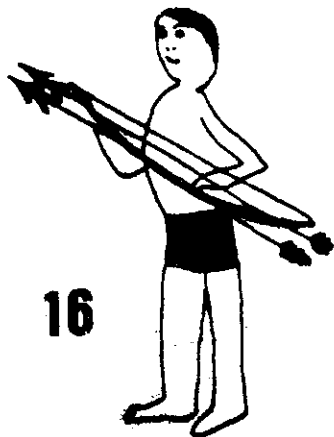
Rubem Barbosa Kaxi

É o português, porque a nossa língua nós já sabemos falar. A língua portuguesa, nós não sabemos pronunciar direito ainda.

Norberto Sales Kaxi

A língua que nós preferimos primeiro ler e escrever, que eu acho melhor para aprender, é o português. Porque às vezes, aprendendo primeiro na nossa língua, os alunos acham difícil para aprender a língua dos portugueses depois.

Francisco Araujo Kaxi





QUEM FALA A LÍNGUA NA SUA COMUNIDADE? OS MAIS VELHOS, OU OS MAIS NOVOS?

Na nossa comunidade Kaxinawa do Jordão, não temos vergonha de falar a nossa língua. Os índios do Jordão sabem falar na sua língua. Nós sempre falamos direito. E os velhos, velhas, me ninos entendem bem, e sempre falam bem.

Rufino Sales Kaxi

Na minha comunidade todos falam a nossa língua, falam mais na nossa língua do que no português. Todo mundo fala: adultos e crianças.

Na minha comunidade só falam a língua os velhos, as crianças não sabem falar.

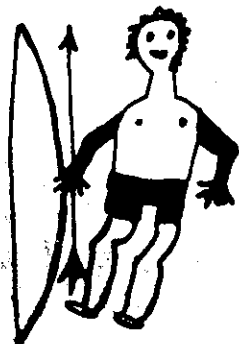
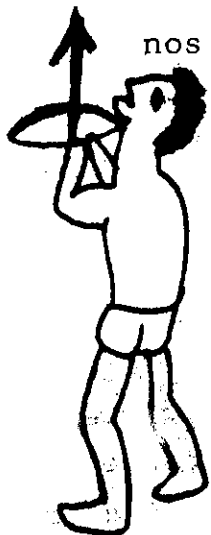
Julio Barbosa Kaxinawa Paroá

Lá na minha aldeia, o meu povo indígena fala só na nossa língua, abaixo dos 10 anos ninguém fala a língua do português. Só quem fala são algumas pessoas que falam bem na língua de português. Por isso, nós estamos estudando para ensinar nossos alunos.

Joaquim Paulo Kaxinawa do Jordão

Quem fala a língua? Na minha comunidade todos falam, menos eu, porque meu pai foi criado no meio dos invasores.

Elio Luiz Apurinã Tacaqueri Peneri



VOCE ACHA IMPORTANTE CONTAR AS ESTÓRIAS DOS ANTIGOS NA ESCOLA?

Eu acho importante contar as estórias antigas na escola, porque os alunos vão aprender as estórias antigas para depois retransmitir as estórias para o seu irmão, seus amigos e seus filhos. Como a estória, "Porque nossos povos não vivem mais todos juntos!" "Os índios do Acre," "O homem que virou passarinho". "O começo do mundo dos índios Kaxinauá," "O homem da mulher de barro," "A invenção do tecido," "A invenção do cipó," "O canto do mariri," "A cantiga do cipó!" É por isso que é importante contar as estórias antigas e de hoje, como começamos a ser libertos, como começou a cooperativa, como começou a escola na nossa aldeia.

João Carlos Kiã Kaxi

Eu acho muito importante contar as estórias dos antigos, porque as estórias dos antigos vão adiantar o estudo da gente. E como sou um professor, eu posso convidar uma pessoa mais velha, que sabe contar as estórias dos antigos, dentro da escola.

Orlando Assis Katuquina

Acho importante contar as estórias dos antigos na escola, sim, para ensinar os mais novos.

Rubem Barbosa Cupi Kaxinawa

Eu acho importante contar estória dos antigos para criança aprender e contar também, pouca gente conhece esta estória na aldeia. Eu acho melhor conhecer a estória do meu povo, se ele contar de novo pra mim.

Francisco das Chagas Kaxi

Nós achamos importante ter as estórias na nossa escola para não acabar com o nosso mito. Se não contar, acaba. Daqui a pouco não tem mais. Por isso que nós não queremos deixar de contar as estórias nossas. Quem está nascendo agora, quem já nasceu, quem já está na escola estudando cartilha do índio seringueiro e um livro de estórias de antigamente e a estória de hoje. O começo que saiu ano passado. Que já começamos ensinar em 1984. Realmente 6 meses de funcionamento, escola entre nós na aldeia com próprio monitor índio. Dando aula pra seu aluno, com 2 livros, sem nenhum salário, pela nossa vontade, com força da cooperativa administrada pela liderança indígena e o próprio índio também. Nós queremos também estórias de vocês. Os livros de ciências para ter na escola, e a revista de medicina, dicionário, mapa do Brasil e calendário e a sala da escola.

Osair Sales Siã Kaxi

Sim, acho muito importante contar as estórias dos antigos nas minhas aulas. Só que eu conto poucas estórias.

Mauricio Vinyo Katuquina

Estórias, eu acho importante contar na escola para o professor e os alunos saberem da verdade da nossa cultura. Na minha aldeia não tem mais pessoas que contam estória do começo do mundo.

José Domingos Kaxi

Eu acho muito importante contar as estórias dos antigos na escola. Mas eu não conto, porque eu não eu não sei contar. Só os velhos antigos que podem contar.

Olhe! Eu mesmo conheço as pessoas que ainda sabem contar as estórias dos antigos: Miranda, Salú Manduquina, Lafaiete. Estas pessoas, a gente conversando com elas, com paciência, podem contar muitas estórias de antigamente.


Francisco Apurinã

COMO VOCE E SEUS ALUNOS PODEM FAZER PARA CONHECER MELHOR A ESTÓRIA DO SEU POVO?

Como eu e meus alunos podemos fazer para conhecer e melhorar a estória do nosso povo? É renovarmos a estória e contarmos na nossa língua e na língua portuguesa.

Edson Medeiros Kaxi

Eu e meus alunos, o que podemos fazer para conhecer a nossa estória, é chamar os velhos para contar as estórias na escola todos os meses, e escrever as estórias no caderno para ler na escola todos os dias da aula. E queremos escrever na nossa língua.



Norberto Sales Kaxi

Eu acho muito fácil, porque os próprios alunos, inclusive eu também, podemos chegar para os mais velhos e perguntar todas as estórias que a gente precisa saber.

Francisco Apurinã

Bem, eu e os meus alunos temos que aprender com os mais velhos, porque eu não sei contar também.

Maurício Katuquina

Para conhecer melhor as estórias do nosso povo, nos perguntamos aos velhos que sabem dessas estórias. Depois que a gente conhecer estas estórias, a gente vai contar para os alunos, para que eles conheçam melhor também as estórias dos antigos. E alguns que tiverem interesse de aprender a nossa estória do antigo podem andar junto com a gente, quando a gente for perguntar aos velhos que sabem dessas estórias. É desse jeito que agente pode conhecer melhor as estórias do nosso antigo povo e os alunos também podem aprender assim.

Orlando Nyi Katuquina

QUANTAS PESSOAS NA SUA ALDEIA CONHECEM ESTAS ESTÓRIAS?

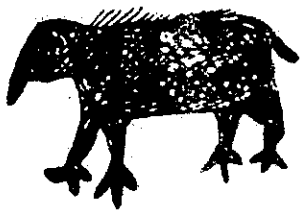
As pessoas que conhecem estas estórias são: 1 -João Pereira, 2-Miguel Macario, 3-Pimenta Moizes, Estas estórias, só quem conhece são os velhos. No tempo do seu avô e da sua avó , que estas estórias vem de longos anos,desde o começo do mundo , e os velhos ainda conhecem e contam.

Rufino Sales Kaxi

No seringal Belo Monte, temos 4 pessoas: Francisco Muniz, 48 anos, Orias Maia,58 anos, Artur Sales,59 anos, Souda Paulino,57 anos, mais entre o grupo temos 27 homens velhos que conhecem essas estórias de luta no Brasil. E 14 mulheres velhas que já conhecem desde 1903. Tem velhos que ainda estão marcados no braço e no peito deles. No tempo da exploração com caucheiro e o patrão explorador, Nós não ficamos pedindo esmola. Queremos os nossos direitos e ajuda para buscar nosso sistema de convi - vência com nosso povo sofrido.

Osair Sales Siã Kaxi

Na nossa aldeia temos 6 pessoas que conhecem essas es-
tórias. Primeira pessoa: João Pereira Dua Bake Tãkene 72 anos
José Pereira Dua Bake Bisco 38 anos
Romão Sales Dua Bake Tuĩ 65 anos
Nicolau Sales Dua Bake Banê 68 anos
Miguel Macário Dua Bake Eskê 58 anos
Suero Sales Dua Bake Banê 65 anos



Temos estas 6 pessoas que sabem contar estas estórias do nosso povo que é antepassado.

João Carlos Kiã Kaxi



aldeia Salvinho

PARA QUE SERVEM OS NÚMEROS?

Os números servem para saber a quantidade de quilos de borracha. Dividir as terras para cada 5 pessoas. Dividir quilos de castanha e contar os números e quanto foi o peso da produção de borracha.

É assim que a gente precisa dos números: primeira - mente nós não sabíamos contar e não precisava; agora, os números são para saber contar quantos peixes a pessoa pescou, quantos peixes foram pescados; a gente conta, faz somas ou diminui; contar dias, meses e anos.

Quando a gente perguntar:

- Pedro, você pescou quantos peixes?

- Vinte peixes.

Essa coisa vinte é número.

Para inventar outros números precisamos saber trabalhar para ganhar. Precisamos saber quantos quilos de borracha fizemos. Contar os dias e os meses que a gente cortou borracha. Diminuir cada quilo de peixe que foi distribuído. Somar cada quilo de borracha que vai ter a despesa ou o saldo da gente.

Muitas coisas para saber as quantidades. Saber os preços das mercadorias, somar e multiplicar.

Eu acho mais difícil diminuir e dividir. Eu acho mais importante e quero aprender contas de diminuir e dividir.

Fernando Rosa Katuquina

Os números servem para contar os dias que a gente trabalha na diária. Servem também para marcar a data do mês. Também a gente precisa dos números para saber medir as terras e para marcar o peso da borracha. Para somar e dividir a conta dos fregueses, para saber se freguês tira saldo ou não. Para mar

car as horas e as contas. Qual o dia e qual o mês que a gente nasceu.

A matemática que eu acho mais difícil é conta de diminuir, dividir e porcentagem.

Contagem em língua Katuquina:

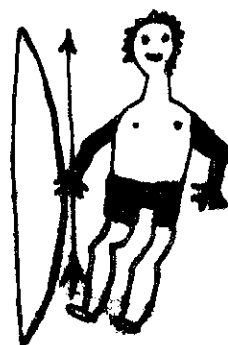
Ostê: um = 1

Neskavêkoĩ: dois = 2

Neskavêkoĩ: Ostê = 3

Mévitoi: quatro = 4

Meviamaoiatei: cinco = 5



Maurício Souza Katuquina

Os números servem para contar quantas galinhas têm no galinheiro. Servem para contar quantos dias tem um mês. Servem - para saber quantos dias têm durante um ano. Servem também para quantificar quantos anos que você vive.

Para saber quantas pessoas tem na cidade.

Quantas madeiras já estão prontas para cortar.

Medir quantos quilômetros.

Medir quantos metros tem na largura do roçado.

Para saber quantas horas têm em um dia.

Contar quantos meses têm em um ano.

Contar quantos minutos têm em um dia.

Contar quantos minutos têm em uma hora.

O que eu acho mais difícil de aprender na matemática é operação de fração e operação de dividir.

Augusto Apurinã 45

Os números servem para a gente contar quantidades de coisas. Servem também para o patrão roubar os índios no peso da borracha e no peso do sernambi. Os índios hoje não têm nada por

que os índios não sabem fazer contagem. Não sabem para que servem os números.

Os números servem para a gente medir terrenos, medir madeiras, medir um tamanho de uma casa. Servem para dividir uma quantidade de produto, servem também para juntar quantidade de objetos. Para multiplicar uma contagem e também para diminuir uma quantidade de dinheiro.

Eu não tenho nenhum problema nas quatro operações, tenho algumas dificuldades é nas contas de fração.

Francisco Apurinã Km 45

Os números servem para facilitar a contagem de qualquer coisa. Servem para somar e diminuir, multiplicar e dividir. Marcar os dias dos meses e os anos. Marcar a idade das pessoas. Marcar as horas dos relógios, os minutos e os segundos. E têm mais outras coisas que eu não conheço.

Então, os números servem para todas essas coisas. Então os números foram achados para facilitar a contagem dos objetos.

A parte da matemática que eu tenho mais dificuldade é a prova real, a prova dos nove e a porcentagem. Eu quero ser bem declarado nas operações de matemática. E quero que me expliquem a cartilha poronga até a derradeira página, daqui até o final do curso.

Contagem em língua Kaxinawa

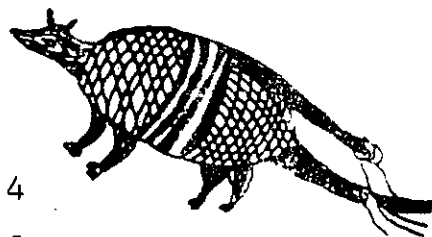
Bestixai : um = 1

Dabê : dois = 2

Dabê-inũ -besti: três = 3

Dabê-inũ -dabê: quatro = 4

Mekã - besti: Cinco = 5



Joaquim Paulo Kaxi

E A MATEMÁTICA, COMO PODE SER ESTUDADA FORA DA CARTILHA PORONGA?

Estudo de matemática fora da cartilha poronga: de ve ser qualquer problema de trabalho que seja o trabalho da seringa. Porque a borracha precisa somar e multiplicar, dimi nuir e dividir e porcentagem. E qualquer produção que se com prar ou vender, trabalha em matemática. Pode ser a produção da borracha ou da agricultura. E tudo que se trabalha com di nheiro é matemática.

Joaquim Maná Kaxi

Fora da cartilha poronga, ninguém pode estudar, olha! a cartilha poronga é a própria matemática. Primeiro os alunos vão estudar português até 12 horas, depois de 12 ho - ras vão estudar matemática. Primeiro estuda matemática de ze ro até 9. A minha parte dá para fazer isso, sobre matemática e português.

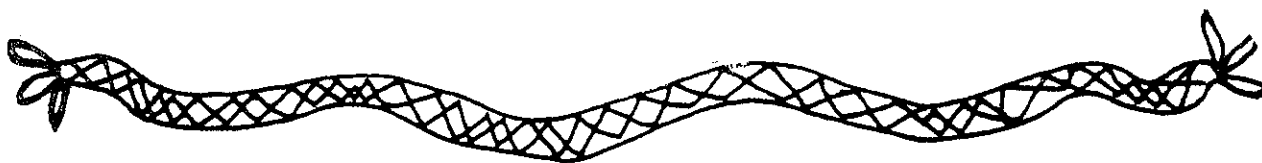
Rufino Sales Kisté Kaxi

Fora da cartilha poronga eu acho que não posso a - prender matemática. Só se for aprender a contar na cabeça e em alguns objetos.

Francisco Araujo Kaxi

Ela pode ser estudada na casa e fora disso é fa - zer conjunto e explicar como é.

Elio Apurinã



COMO PODE A ESCOLA AJUDAR A COOPERATIVA DE VOCES?

O que a escola pode ajudar a melhorar a nossa cooperativa, é que os alunos vão aprender ler, escrever e tirar conta. E depois de ter aprendido, todos aqueles que estudaram vão poder anotar cada objeto que comprarem e que vão comprar na cooperativa Kaxinawá. E dar o total de todos os objetos e saber com quantos quilos de borracha podem pagar o seu débito, também podem discutir com outros seringueiros. Outra coisa que a escola pode ajudar a cooperativa: o dinheiro que vem para a escola para pagar os monitores, os monitores vão comprar a mercadoria da cooperativa e o dinheiro fica na cooperativa, para pagar os saldos dos fregueses. Porque todos os seringueiros que tiram saldo, perguntam logo pelo dinheiro. O que a escola pode ajudar a cooperativa são esses objetivos.

João Carlos Kiã Kaxi

A escola pode ajudar a melhorar a cooperativa ensinando às crianças a ler e escrever e tirar conta. Depois que aprender as 4 operações de conta, já podem ajudar a cooperativa em muitas coisas. Primeira coisa a saber é administrar a cooperativa: como pode funcionar a cooperativa dos índios. A segunda coisa a saber é pesar a borracha e anotar as mercadorias e fazer o balanceamento da conta de quem compra na cooperativa. Fazendo o balanceamento da produção e da mercadoria e dos dias que trabalha.

Joaquim Paulo Manã Kaxi

A escola pode melhorar a cooperativa, porque o monitor vai orientar mais o chefe da cooperativa, como pode manter.

Francisco Chagas Kaxi

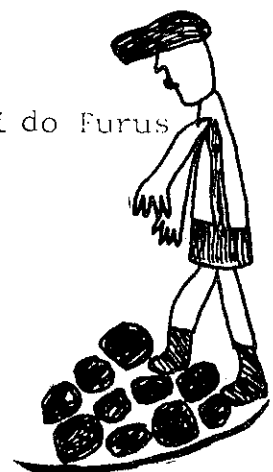
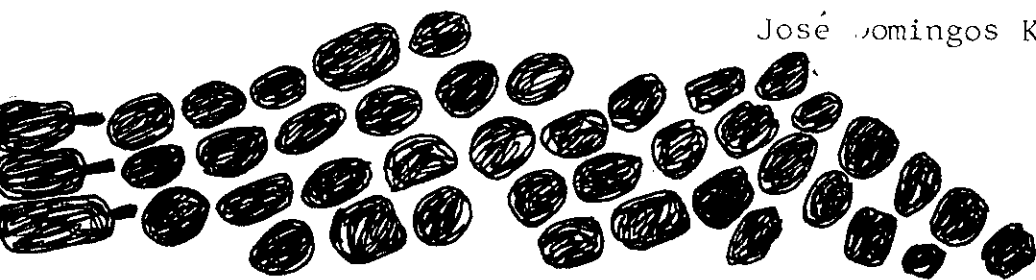


A escola pode ajudar a organizar o nosso movimento cooperativo. Alfabetiza as crianças e adultos para saber conhecer preço da estiva e de confecção e material de trabalho. A escola pode ensinar mais barato para todo mundo trabalhar satisfeito, para melhorar nossa cooperativa. Nós queremos que a FUNAI financie convênio com SUDHEVEA para nós comprarmos mercadorias na COBAL ou na fábrica, e vender nossa produção no preço normal. É isso que nós queremos, para melhorar nossa cooperativa. E saber ler, escrever e saber mexer até números 0,1,2,3,4,5,6,7,8,9, +,x,-,÷, para saber administrar dentro do nosso movimento, de acordo com seringueiro, o diarista e o posseiro, barraqueiros, junto com lideranças indígenas. Além disso, saber mexer com remédio da farmácia para tratar gente doente, saber dar injeção de seringa e dar pílula para tomar e fazer curativo no golpe. E mostrar registro de trabalho do freguês que chama talão e nota fiscal, e saber vender nossa produção, saber comprar com dono de mercado para trazer na cooperativa para funcionar os movimentos, na floresta, com mercadoria administrada pelo próprio índio mesmo, com nossa escola de lado ensinando os que estão nascendo agora, para não ser roubado mais por ninguém. Assim e que a escola pode ajudar. Não é só isso. Etc.

Osair Siã Kaxi

É só nós aprendermos ler, escrever e saber como é trabalho da comunidade, para nós organizarmos a nossa aldeia da área indígena. Para nós vivermos seguros toda vida.

José Domingos Kaxi do Furus



E O ASSUNTO DE SAÚDE É IMPORTANTE ESTUDAR? POR QUE?

Assunto de saúde eu acho muito importante, porque a gente aprende tudo o que tem no nosso corpo, quantos pedaços que tem carne no nosso corpo e os nervos também, quantos são os ossos, quantos litros de sangue tem o corpo. Eu acho isso importante, mas eu não entendo ainda. Mas, eu quero aprender na escola. A cada um ano, eu aprendo devagar esse estudo.

Isaias Sales Imã Kaxi

Sobre saúde, é importante a gente estudar pra saber como é que a gente toma remédio, como é que dá injeção, quantos dias toma remédio, remédio contra febre. A gente estuda isso e quando tem gente doente, outro já sabe dar remédio para ele, que doença tá sentindo. Aí fica melhor. É isso que eu acho importante.

Anastacio Maia Banê Kaxi

Sim, é muito importante, porque nós aprendemos a conhecer remédio que cura as doenças que os brancos trazem.

Francisco Apurinã

O assunto de saúde é importante para nós, porque nós sabemos o corpo humano da gente, que é formado de carne, osso e sangue. E muitas coisas que existem no corpo, que eu não posso contar, porque não aprendi ainda. É preciso aprender todas essas coisas na escola.



Edson Medeiros Kaxi

O assunto de saúde é importante, porque a gente aprende para as pessoas viverem com saúde, cuidar das crianças. E também com a nossa saúde, nós podemos ter mais resistência.

Maria de Nazaré Mantineri

Sim, significa muitas coisas para nós Kaxinauá do rio Yoraia. Sem saúde nós não podemos viver. Vamos lá estudar saúde do nosso sistema de convivência pela arte da floresta. Significa coisa importante. Olha bem. Nós estudamos os dois lados. Pelo contexto cultural, pelo nosso sistemático medicinal. Se não estuda os dois, quando pega doença vai deixar pelo sete estrelas porque não sabe tratar nada. Se um estuda para duas coisas, quando você pega mordida da pico de jaca, se você não tem soro de cavalo, nesse momento, vai na mata tirar 6 qualidades de folha. Você trata na hora. Outra coisa. Se você não souber ser agente de saúde todo canto pega doença. Se você souber, sabe defender: de manhã, lava a mão para comer. Você tenha cuidado na comida. Cozinha bem, não come cru e toma bastante suco de fruta, caíçuma de banana, de milho e de macaxeira e de amendoim. Isso tudo é vitamina comum. Não paga nada, só dá trabalho para plantar, mas depois de feito, não acha nada de ruim. É bom estudar na escola para saber defender essas coisas.

Outra coisa, se você tá com saúde, viaja o lugar adonde você quer. Você tem boa vontade de ver as coisas, não tem tristeza. Você tando doente, não tem animação. Para ficar bom, não pode comer as coisas reimosas, só pode comer comida leve. E tem muita gente também que estuda palavra de Deus para curar. Eles curam peito aberto, enfermidade, quebranto, ventre caído, etc.

Osair Sales Siã

A saúde e a natureza que mais a gente é bom saber usar neste lado. Por isso que eu acho importante ter escola: para a gente aprender usar remédio. Se ninguém entende, todo mundo tá lascado. Por hora, vamos contar só isso.

Osair Sales Siã Kaxi

E O ARTESANATO É IMPORTANTE PARA VOCÊS? POR QUE?

O artesanato é importante para nós, porque o nosso arco e flecha eram nossa espingarda que o nosso povo matava macaco, anta, veado, porco e inabú. E ainda hoje temos as nossas flechas e o nosso arco, para mostrar que somos índios mesmo. E também é o nosso documento do nosso trabalho artesanal como o xukêê, que é o fósforo do índio, chapéu de pena máscara. É por isso que o artesanato é importante para nós.

Edson Medeiros Ixã

O artesanato é importante para mim, porque é minha cultura.

Anastácio Banã Kaxi

O artesanato é importante para nós, porque é o nosso trabalho, como é a nossa cultura. O que nós sabemos fazer de artesanato, é pote para colocar água, fazer tação e prato, flecha com arco e cestas e muitas outras coisas que fazemos. Cada nação tem seu modo de fazer artesanato diferente. E é mais importante nós fazermos artesanato, porque é o trabalho que nós sabemos fazer.

Norberto Sales Kaxi

O artesanato é importante, serve para nós. O artesanato é dinheiro do índio kaxinawa. Artesanato de algodão e de barro é a mulher que faz.

Isaias Sales Kaxi

O nosso artesanato é muito importante para nós, porque quando nós vamos dançar mariri, todos nós vamos enfeitar o nosso corpo com próprio artesanato indígena.



Orlando Assis Katuquina

O artesanato é importante porque é fácil para fazer e já usamos tempos atrás, feito por nossa mão mesmo. Porque só comprar, ninguém pode. Pros outros não dizerem que nós so compramos dos brancos. Por isso que é importante ter nosso costume, sempre temos de preferência, guardado no fundo do baú, para nosso povo não esquecer. Agora, daqui para frente, queremos valorizar nosso trabalho. Também usar. Quando não temos condições de comprar rede, prato, nós temos em casa.

Osair Siã Kaxi

Porque nos ajuda muito. Serve para usar em casa e também para vender. E com o dinheiro, podemos pagar nossas contas e comprar o que nós precisamos.

Júlio Barbosa Kaxi

O xukêê é o nosso fósforo, porque pode um dia a fábrica de fósforo se acabar, e nós já temos o nosso fósforo. E para os alunos saberem como era nosso fósforo. E ainda temos as recomendações que os mais velhos ainda trabalham com o xukêê. E o chapéu de pena é o nosso enfeite para dançar o mariri e a festa do gavião com penas de arara, tucano, papagaio.

Edson Medeiros Kaxi



Mu dri quis José Mu dri Gue.



Desenho de José Rodrigues

COMO A ESCOLA PODE AJUDAR A DESENVOLVER O ARTESANATO ENTRE VOCES?

Cada escola já pode ter a casa de artesanato para a escola começar a desenvolver. Já começa ajudar a fazer preço de cada objeto das coisas, daí soma e dá o total para o dono do trabalho saber o valor do seu serviço, para receber, comprar o que ele quer. Além disso, a escola pode garantir transporte. O dono de cada grupo ajuda a botar no canto, bem numerado por cada grupo de escola, para começar a vender pelo grupo da aldeia. E a escola garante o transporte até a cidade para outros comprarem também. Realmente para usar. O valor desse artesanato vai para quem trabalhou nele na escola.

Osair Sales Siã

A escola pode ajudar a desenvolver o artesanato entre nós. Os alunos juntos com o monitor, aprendem o trabalho artesanal, aprendem a fazer flecha, arco, xukêê, chapéu de pena, máscara e panheiro. Depois de ter aprendido e ter feito o arco e a flecha, vamos treinar a flechar palha de banana, pássaro, calango. Quando os alunos aprendem a flechar, podem flechar anta, veado, porco.

Edson Ixã Kaxinawã

À escola não pertence o artesanato. Pode até ajudar, no momento em que os fabricantes de artesanato pedirem uma ajuda pros alunos. Quem faz o artesanato são os mais velhos, os mais novos não fazem não.

Francisco Apurinã

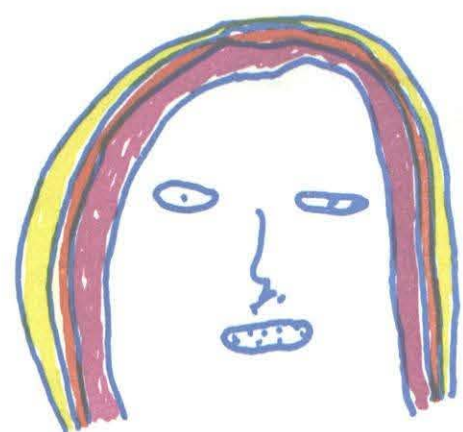
A escola pode ajudar a desenvolver o artesanato entre nós de várias maneiras: primeiro, desenvolvendo os alunos para aprender a fazer artesanato de quem souber neste lugar. E depois, ensinar para as crianças e depois ajudar no transporte. Artesanato, aprende quem estiver interessado; se tiver pouco interesse, não é obrigado a aprender.

Joaquim Paulo Kaxi



máscara

mas mes mis mos mus
 ca co cu
 ra re ri ro ru



máscara

mas mes mis mos mus
 ca co cu
 ra re ri ro ru

manigi

ma me mi mo mu
 na ne ni no nu
 ge ge

raias Sales

VOCES GOSTARIAM DE APROVEITAR AS TINTAS DA MATA PARA PINTAR COM O PESSOAL NA ESCOLA?

Aproveitar tinta, porque nós já vínhamos sabendo desde o começo. Adonde nós nascemos, sabemos isso: pé de genipapo, pé de urucum. Quem quiser pintar com as tintas da mata, está registrado nos dois olhos e na cabeça da gente. Entrando pelos dois buraquinhos da frente, passa pelo bolãozinho de carne, distribuí pelo corpo. Quando não tem 150.000,00 para comprar tinta, tem isso. Para não só pintar com caneta, usar também tinta da mata que é custo da floresta. Quando quer pintar, só mexe com duas pernas para ir no mato: 60 minutos, 30 minutos, 15,10, 05, 01 minuto. E quando chega em casa, só mexe com 2 mãos e um palitinho. Custa só quando quer pintar. Está na frente da testa, ocupando aluno e professor desse lugar.



Osair Sales Kaxi

Eu gosto de aproveitar as tintas da mata para pintar o pessoal da escola, com genipapo, urucum, porque é o nosso enfeite que o nosso avô nos ensinou a pintar. É o nosso ritmo da dança do mariri e a festa do gavião tirim. O nosso batismo. Pintar o dente com o nispu, para o dente durar muitos anos.

Edson Medeiros Kaxi Jordão

Sim, nós gostaríamos de pintar e nós gostamos de pintar para nós não pegarmos ferida.

José Domingos Kaxi Purus

Achamos muito importante aproveitar a tinta da mata porque é a nossa pintura, desde quando eu nasci, já existia essas pinturas de genipapo e de urucum e tem muitas outras pinturas. Para pintar a linha de algodão, têm de 3 qualidade : vermelho, preto e amarelo.

Joaquim Maná Kaxi



QUE OUTRAS COISAS O ALUNO PODE APRENDER A FAZER?

Outras coisas que o aluno pode fazer além de estudar é aprender as estórias, o canto do mariri, a cantiga do cipó. E também queremos aprender as invenções do branco:

Jogar bola, teatro, capoeira, música. Já estamos treinando uma música, eu me lembro quando eu era criança, que falava sobre a nossa área do Rio Jordão.



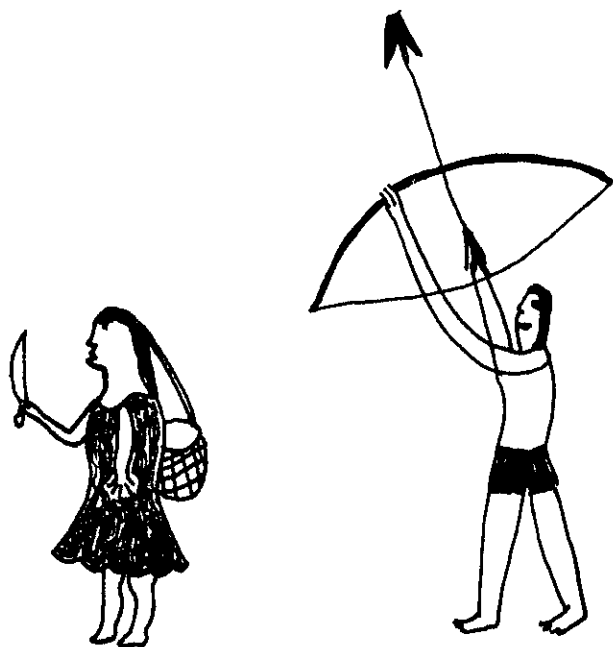
João Kiã Kaxi

Vai trabalhar com terçado, com machado, com faca de seringa, com pá, com enxada e saber mexer com espingarda e espoleta, aprender mexer com conserto de motor 9HP, moto-serra, para saber tirar do prego quando estiver viajando no Rio Jordão, transportando borracha do seringueiro; saber mexer com máquina para funcionar, pegar timão do motor que se chama Jafé, e saber viajar no mato, conhecendo divisão da nossa terra, pelo Rio Jordão com Peru e Rio Tarauacá; aprender carregar borracha da gente. Aprender tirar caibro, esteio para fazer casa, carregar esteio no ombro para treinar com peso, aprender jogar bola no campo, aprender andar o dia todo sem parar, aprender criar, aprender plantar no roçado, aprender para fazer adivinhação por outro aluno, aprender remar no rio, varejar, aprender pescar e caçar no mercado, aprender remédio da floresta; para vários tipos de doenças, aprender saber quais são as cobras venenosas, para não passar perto; aprender música do tirim e do buná e do batismo e do mariri para cantar e dançar; aprender música brasileira, tocando violão com as duas mãos. Aprender fazer amor, aprender brincar, mas não é muito. Aprender mergulhar no fundo do rio para pegar peixe com bicheiro, aprender também fazer balde de seringa, aprender fazer lamparina para iluminar de noite; aprender fazer barco para viajar no rio, aprender fazer máscara pa-

ra dançar com ela na cabeça, aprender estórias de nosso povo, de 500 anos, estória de surrado, misterioso. Aprender tirar lenha para fogão, aprender fazer cadeira para sentar, e fazer mesa para estudar encima. Aprender saber receber a nossa gente, e a nosso amigo e quem viva na terra, quando chegar na nossa casa. Aprender criar filho, para aumentar a população, sem bater em nenhum. Aprender saber fazer reunião com seu povo para discutir com outros. Além de estudar, serve isso para aprender.

Osair Siã Kaxi

Além de estudar podemos fazer muitas coisas: primeira coisa é produzir borracha e a agricultura e fazer artesanato que é a flecha e o arco. Trabalhar também na casa e no barco e também fazer muita coisa que precisa. Este trabalho é dos homens. Os trabalhos das mulheres são estes: além de estudar, as mulheres trabalham em fazer rede e fazer muchila e também nas pulseirinhas e fazer artesanato e também fazer tibungo de barro e também cestinha e também aprender a pintar com genipapo e podem aprender muitas coisas que interessar.



Isaias Sales Imã Kaxi

SALA DE AULA. Centro de treinamento

Letras alfabeto

Katiguana

a e i
 k m n
 h o p
 t s x
 sh ch
 ts te
 w v j
 yã ê
 î ô ù

Jaminawá

a e i
 b d h
 k m n
 o p r s
 t ts
 tx y w
 â ê
 î ô

Kaxinawá

a e
 i d b
 h k
 m n
 p r s
 sh
 t ts
 tx uy
 w x
 â ê
 î ù



AMOR DOS ÍNDIOS COMO FOI ACONTECIDO.



amor é
uma
máquina
que
constroi
a população

Da
terra.




Siã. Kaci.

QUAIS AS BRINCADEIRAS DOS SEUS ALUNOS QUANDO ESTÃO FORA DA ESCOLA?

As brincadeiras dos alunos quando estão fora da escola são essas: vão jogar bola, eles vão jogar peteca, vão matar passarinho. Tudo isso eles brincam quando estão fora da escola.

Mariazinha Yawanawá

Brincadeira, o que eles gostam de brincar, jogar bola, correr atrás um do outro.



Francisco Chagas

As crianças aprendem fora da escola a trabalhar na seringa com a faca de seringa, no roçado a trabalhar com terçado, machado e com enxada. E também caçar no mato para matar a caça com espingarda, matar tatu no buraco com fogo de folha seca. E têm muito serviço que os alunos aprendem fora da escola.

Rufino Sales Kaxi

As brincadeiras dos meus alunos são: flechar peixinhos nos igarapés, pegar peixe de tarrafinha, brincar com canoa e brincar à cavalo.



Maria de Nazaré Mantineri

As brincadeiras dos alunos quando estão fora da escola são: flechar, jogar bola e tomar banho.

Cleonice Apurinã

Os alunos quando estão na escola não brincam nada, só brincam depois que saem da escola. As brincadeiras são essas: é jogar bola e pegar no braço e vão tomar banho no rio, lá no rio brincar de pira. Agarrado no braço e botando muita força pra ver

qual que derruba o outro. Se derrubar o outro vai ganhar o jogo. E quando vão jogar bola, vão 4 ou 6 pessoas. Se forem 6 pessoas, ficam 3 numa ponta e 3 na outra ponta, e quando terminam, vão tomar banho e lá no banho eles brincam da pira. Eles brincam assim: eles vão mergulhar debaixo da água para pegar o outro que está na pira, se triscar nele, já ficou com a pira.



João Carlos Kiã



Eles vão brincar tomando banho, imitando como e o porco, veado, onça, anta, cutia, tatu e paca, e imitando como jundiá dentro d'água, outro mergulhando atrás para pegar, imitando como é tracajá, profiando no mergulho, para ver quem tem mais fôlego dentro d'água, enchendo água na garrafa sêca, para ver quantas garrafas os dois enchem, duas ou três, ou cinco garrafas. Vão jogar na praia, pegam a flecha, vão no rio, quando a água está limpa, flechando peixinho. Vão brincar na casinha deles que eles fizeram por eles mesmos, levam panelinha pra cozinhar mandioca, levam fogo e terçadinho, redinha pra deitar e roupinha para vestir. Vão levar irmãozinho deles para dançar. E eles cantam, tocam cavaquinho de taboca, cantam música do brasileiro e cantam música nativa, mariri, pra dançar de roda fechada. Vão no mato com baladeira, caçando passarinho, juritis, bentivis, japinim, etc. Quem mata passarinho ainda vai fazer chapuzinho de pena.

As meninas vão fazer pratinho de barro, boneca de pano, para começar brincar com ela. Vão pegar flor da floresta para botar na casinha deles e delas, os meninos fazem barquinhos, flechinhas, além disso levam irmãozinho para cuidar, enquanto a mãe trabalha no serviço dela, quando estão por fora da escola, as brincadeiras são essas: de 3 a 8 anos. De 10 anos pra frente, é no cabo do terçado e no cabo do machado e no cabo da faca de seringa, levantando 4,5 horas da manhã, comendo farinha sêca.



Osair Sales Siã

E NA ESCOLA ELES TAMBÉM BRINCAM? COMO?

Na escola eles não podem brincar, porque estão estudando. Eles podem brincar com lápis, cadernos e também com a cartilha poronga.

Elio Apurinã

É que os alunos brincam com as letras e as sílabas, nomes, estórias dos antigos, cantiga do cipó, a dança do mariri e desenham o artesanato, brincando dentro da água como peixe e veado, porco, brincando com a flecha, matando calango e peixe.

Rufino Sales Kaxi

Não brincam. Estudam. Mas eles estudam das 7 às 11 horas. Falam com outros alunos, cutucam, gritam, acham graça, brincam no braço, cana com cana, quem é que vai cair na medida de força, ele falando lorota, canta um som. Tem aluno que fica sério pensando isso: P.A.B., M.R.I., para aprender essas palavras novas de hoje, rede, ca, co, cu, ja, je, ji, jo, ju, la, le, li, lo, lu, ga, go, gu, gão, sa, se, si, so, su, tar, ter, tir, tor, tur, cha, che, chi, cho, chu, que, qui, xa, xe, xi, xo, xu, fa, fe, fi, fo, fu, a, e, i, o, u, ssa, sse, ssi, sso, ssu, ma, me, mi, mo, mu, lha, lhe, lhi, lho, lhu, ta, te, ti, to, tu, rra, rre, rri, rro, rru, fla, fle, fli, flo, flu, as, es, is, os, us, tra, tre, tri, tro, tru, bal, bel, bil, bol, bul, ra, re, ri, ro, ru, za, ze, zi, zo, zu, não, ne, ni, no nu.

Osair Siã Kaxi

Na escola os alunos brincam com as letras, escrevem no quadro com giz e também com língua de português e cantoria do mariri.

Edson Medeiros Kaxi

ESCOLA ES-CO-LA



as es is os us
ca co cu
la le li lo lu

Alde no Salni no

Na escola eles também podem aprender brincando. Uma brincadeira de trocar idéia com outros alunos.

Júlio Barbosa Kupi

As brincadeiras que os meus alunos brincam quando estudam são as letras, as sílabas, as estórias, a cantiga do cipô, a dança do mariri, tomando banho com a flecha e o arco, com os amores, os amigos, desenhado.

João Carlos Kiã



QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DOS ALUNOS?

Os alunos principalmente têm dificuldade para aprender na matemática a somar, multiplicar, diminuir, dividir. Também querem aprender na cartilha a escrever, ler. Os alunos que rem aprender devagar, ninguém pode aprender mais rápido. A gente aprender devagar e na matemática também.

Anastacio Maia Kaxi

Em aula as dificuldades vividas são muitas: na língua portuguesa, palavras pronunciadas, é isso que eu acho dificuldade: sempre existem letras com sons diferentes. Na matemática também. Mas, as letras, a gente aprende assim em uns 2 anos.

Isaias Sales Kaxi

As principais dificuldades dos meus alunos são todas, porque eles, as crianças, nunca estudaram, é a primeira vez que vão estudar.

Maria de Nazaré Mantineri

As principais dificuldades dos alunos são: as 4 operações de matemática, português, que é escrever e ler. Porque todos estudantes devem saber que a gente aprende ler e escrever é sofrendo a maior dificuldade. Porque quando eu fui estudar, a primeira vez que peguei na ponta do lápis, eu sofri a maior dificuldade pra aprender alguma coisa.

Joaquim Paulo Kaxi

As dificuldades vividas na aula são: os pronunciamentos das palavras do português e as 4 operações de contas. E existem algumas coisa sobre a matemática e também as letras que existem nas palavras do português que têm os sons iguais.

Edson Medeiros Kaxi



QUAIS OS MELHORES DIAS PARA AS AULAS? POR QUE?

O melhor dia que eu achei, foi sexta-feira e sábado, para dar aula, porque outros dias a gente pode trabalhar, pescar, caçar ou dançar mariri, ou fazer viagem pra cima, ou pra baixo. Eu acho que dois dias de aula por semana é bom, para o aluno como para o professor. Porque o aluno que estuda dois dias por semana tem tempo de cortar seringa e fazer o seu trabalho no roçado. E outra coisa: o professor pode fazer as mesmas coisas. Dá dois dias de aula por semana, e o resto da semana ele vai trabalhar no roçado dele. Ou ajeitar a casa dele e trabalhar em outra coisa dentro da nossa área. Porque, o homem que é vivo, ele tem muitas coisas para fazer na vida dele; ele só termina o trabalho dele quando ele morre.

Joaquim Kaxi

Eu acho que o melhor é dar aula terça-feira, sexta-feira e sábado. Porque os alunos que são seringueiros têm que cortar seringa, têm de passear também. Eu acho bom dar aula 3 dias por semana, porque os alunos que podem estudar 3 dias por semana, podem trabalhar na seringa e podem trabalhar no roçado também. Os alunos trabalham e folgam. Os alunos estudam folgados também. Eu dou aula pros alunos 3 dias por semana.

Edson Kaxinawa

Olha, a minha parte da escola, a semana tem 7 dias, eu posso dar aula 3 dias por semana, terça-feira, quinta-feira e sábado. Os outros dias eu trabalho no roçado, pesco e caço.



Rufino Sales

CONSTRUÇÃO DE ROÇADO





Alvino Sabino





Os dias melhores que acho é de segunda-feira à sexta-feira, porque sábado a gente pode fazer outro trabalho, pode caçar, pescar para a família.

Maria de Nazaré Mantineri

Nós do grupo já estamos organizando, conforme aluno quer conhecer melhor. Bem claro, com dois olhos e a cabecinha dele e o professor na frente ensinando o caminho da nossa estrada de seringa, e o caminho de viagem, e de pescada e de caçada e o nosso varadouro que temos pra ir no outro grupo, para ver funcionamento da escola dele, para ele conhecer melhor. Falamos com alunos: o ano são 365 dias, são 12 meses diferentes do outro. Tem 31, 30, 28 dias, são 4 semana. Dentro da semana os dias têm nome: Segunda-Feira, Terça-feira, Quarta-feira, Quinta-feira, Sexta-Feira, Sábado, só pra trabalhar. Pegamos dos 6 dias 2. Sobraram 4 dias. Esses 4 são para estudar a nossa língua nativa, dada pela natureza, que nós achamos importante ter nosso mito. Sobre sistema de convivência de humanidade pela nossa cultura nativa, sem ter cativo nenhum. Os dois dias ficam para português, para aluno nosso conhecer melhor as estórias do nosso povo. Só fazemos subtração, $6-2=4$ $4 \times 1=4$ $4:1=4$, quer conhecer melhor. Dias são esses, para ver. Quando chegar sexta-feira, o professor está no ponto com alunos dele, mostrando ABC. Na primeira página da cartilha é isso PIABA, pa, pe, pi, po, pu, ba, be, bi, bo, bu, primeiro alimento do nosso método. Os professores fazem ditado para eles descobrirem palavras, ditado, "bupa" quer levar, "pipa" quer comer, "bapu" mentira, "bapa", curuja, "bipa" quer pegar, "pabu" osso, "pubi", barriga, "pupu", caboré, "babu", mole, piada, bebo, pã, beba, pẽ, papai, pipa, papo, bola, bolo.

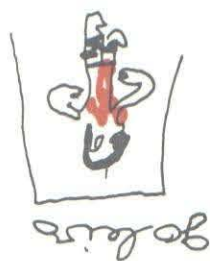
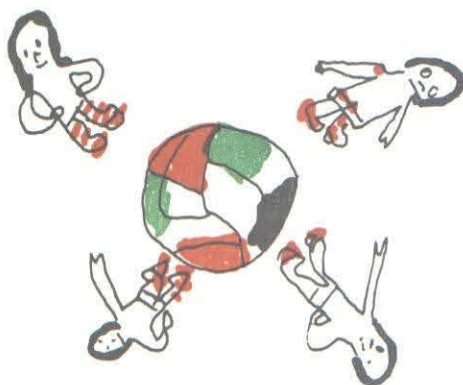
Assim aluno conhece melhor para ele contar.

Osair Siã Kaxi

Texto da minha profissão: além de 2 dias libertos para trabalhar na minha cultura, quando não tenho alguma viagem e nem atrapalho, trabalho 2 dias no meu roçado e caço ou pesco 1 dia e 1 dia tenho para cortar seringa. Para me aliviar de alguma necessidades, no caso de doenças. Esse um dia que eu corto é o meu dinheirinho. Para comprar alguns medicamentos, aonde tiver. Se eu não fizer isso, sou capaz de morrer a mingua. Porque medicamento gratuito aqui não existe. Esses 4 dias, temos também para visitar outras aldeias de outro seringal. Na brincadeira de mariri ou de futebol. Nós não vivemos só no trabalho. Vivemos também no divertimento de nosso costume das aldeias. Como os brancos vivem na cidade, nós também vivemos aqui na mata.

Joaquim Paulo Kaxinawa, janeiro de 86.

golero





OS ALUNOS GOSTAM DE TRABALHAR JUNTOS OU SOZINHOS?

O aluno gosta de trabalhar conforme o serviço dele: ele trabalha sozinho, se for o serviço maneiro, que ele possa fazer sozinho. Se for o serviço bem pesado, ele trabalha junto. Ele trabalha junto, quando o tempo é de roçado, fazer casa, es traça e limpar as praias.

Rufino Sales Kaxi

Quando trabalham em cesta, as meninas ficam todas com irmãs. Homens trabalham também todos juntos com parentes - tomando caiçuma, pintando no corpo, chapéu de pena na cabeça , sempre trabalhamos todos juntos.

Edson Medeiros Kaxi

Os alunos sempre gostam de trabalhar juntos de seus pais. Mas agora, é melhor discutir sobre isso para trabalhar em conjunto.

Mauricio Katuquina

Os alunos gostam de trabalhar juntos e trabalham só , se for serviço maneiro, que eles possam fazer só . Mas sendo um trabalho pesado, eles trabalham juntos. Como o trabalho no roça do grande, na limpa do mudubim, construir uma casa grande, limpar o roçado, quando chega o tempo de limpar e plantar. Plantar mudubim, também tirar o mudubim, quando chega o tempo de tirar. E também gostam de pescar juntos e comer juntos, com outros da aldeia. É assim que os alunos gostam de trabalhar. Porque, quem trabalha junto, faz o trabalho mais ligeiro do que quem trabalha só.



Joaquim Paulo Kaxi

Os alunos trabalham juntinhos, porque o índio não pode estar sô, porque ele fica triste, por isso vão trabalhar juntos.

Francisco Araújo Kaxi

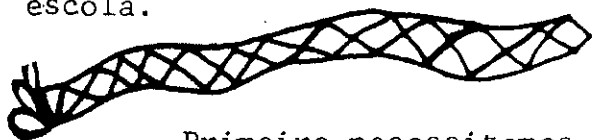
Para o plantio do amendoim, quando broca roçado, isso trabalham juntos. Agora eEle trabalha sozinho quando vai cortar seringa, tirar lenha e tirar cavaco, trabalhar limpando o terreiro. A gente gosta também de comer juntos, tomando caçuma de milho verde, tomando mingau de banana. A gente gosta também de pescar juntos no rio.

Norberto Sales Kaxi



O QUE VOCÊS NECESSITAM PARA DEIXAR A ESCOLA BEM ORGANIZADA?

Para deixar nossa escola bem organizada precisamos muitas coisas: primeira coisa, precisamos de muito dinheiro para comprar o material da escola, porque o material que foi conseguido para nós não deu nem para repartir para a metade dos alunos. Então, queremos material completo para os alunos, os materiais são esses: muitos cadernos e muitos lápis, e muitas pastas e caneta e muito giz e muito lápis de cor e muito apontador. Queremos qualquer luz para iluminar de noite na escola, ou então muito querosene. Queremos todos os materiais que precisamos na escola.



Rufino Sales

Primeiro necessitamos do salário, segundo merenda, terceiro material escola FAE à sua disposição, apontador, bloco de desenho, bloco de desenho A-3, bloco de rascunho, borracha, borracha de desenho, caderno escolar com 48 folhas, caneta esfereográfica azul, caneta esfereográfica vermelha, compasso, esquadros, giz de cera, lápis de cor, caixa com 12 lápis preto, papel almaço com pauta, papel sem pauta, papel quadriculado, pincel, régua, transferidor, calendário social, pasta p/ guardar caderno e a camisinha da escola escrita no peito. Queremos revista, mapa do Brasil, giz para quadro escolar.



Osair Siã Kaxi

O que nós estamos necessitando para nós organizarmos a nossa escola: nós estamos precisando de uma ajuda de alfabetizador.

José Domingos Kaxi

Para ter a escola bem organizada, basta ter muitos alunos, com muito interesse. Tendo esse pessoal, tudo bem.

Cleonice Apurinã

RELATÓRIO DA ESCOLA

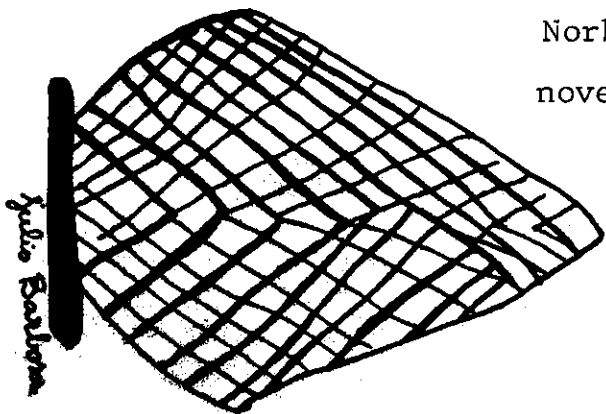
Um texto de informação do monitor da escola Novo Segredo. Sobre problema das escolas indígenas do Jordão.

Em seis seringais trabalham seis monitores que já estão ganhando salário mínimo no município de Tarauacá-Ac. Lecionamos três dias por semana e quando tem algum querosene suficiente para lecionar à noite, sempre damos aula três noites por semana, de 7 às 11 horas da noite.

Por exemplo, a semana tem seis dias. Então, sempre nós trabalhamos esses seis dias: três dias aula e três dias no trabalho braçal. Na escola indígena é muito diferente da cidade. Primeiro, precisa de trabalhar no roçado, caçar na mata e alguns dias na extração de seringa.

Outra dificuldade que nós sentimos agora: nós moramos muito longe, do município para nossa escola são 12 dias de subida de barco. E para pegar merenda escolar de três em três meses, eu acho que não é fácil. E também nós não temos embarcação para transportar a merenda. Temos a canoa da comunidade, mas o negócio é que os responsáveis querem ganhar o frete do transporte. E nós não podemos pagar o frete. O negócio é que o nosso dinheiro está muito pouco. Uma vez, eu fui pegar material e merenda em Tarauacá e o dinheiro que recebi gastei só na despesa da viagem, gasolina para motor, óleo, vela e comida, não deu para comprar munição, sal, querosene e sabão. É por isso que nós estamos sentindo problema da escola. Esse caso, eu acho melhor e preciso falar com nosso povo do Rio Branco e com Funai, como é que nós podemos consertar esse jeito.

Norberto Sales Kaxinawa do Jordão
novembro de 1985.



VOCE ESTÁ ACHANDO BOM DAR AULA?

Eu estou achando muito bom, eu quero aprender dar aula. Eu quero ser um professor formado na minha tribo.

Francisco Apurinã

Eu não acho bom, eu não acho ruim, eu quero saber para alfabetizar os alunos. E também nós não podemos dar aula todos os dias, porque nós temos muito serviço de cortar seringa para comprar a munição e trabalhar no roçado para comer e para viver.

Norberto Kaxi

Eu acho bom dar aula porque ajuda muito a treinar com letras, com os números e com as palavras. E ler as estórias. E também porque eu acho bom aprender.

João Carlos Kaxi

Eu acho muito importante dar aula, porque quando estou ensinando aos meus alunos, eu também estou aprendendo.

Julio Barbosa Kaxi

Eu vou gostar de dar aula. Só não estou gostando, porque é a primeira vez que vou dar aula. Mas, para mim vai ser ótimo.



Mãe de Nazaré Mantineri

Eu estou achando bom e estou achando ruim. Eu estou achando bom por este motivo: porque eu, dando aula, estou aprendendo mais ainda. E eu acho ruim por este motivo: é quando eu estiver faltando paciência. E enquanto não faltar dinheiro, a gente está achando bom.

Joaquim Manã

Eu não acho bom, nem acho ruim, o que eu aprendi, os 7.343 dias até vinte anos, o pouco que aprendi, não serve só para mim. Serve para eles saberem fazer também o que a gente sabe, dividir pros outros também se salvarem das prisões. Às vezes, um dia, eu aprendi com ele também o que ele sabe, porque tem muita gente que só quer crescer barriga sozinho para ficar barrigudo, e ninguém pode dividir os pecados para ele. Por isso me divido. Quem pensa nos outros, tem mais ou menos. Ver atrás para saber o que já vinha acontecendo; a lei não é só para um, é para todo mundo que viver nesta terra. Para não pisar só em cima do outro. Por isso, a gente ensina pros outros também. Professor Osair Sales Kaxinauá, em seu município Tarauacá Acre.



Eu estou achando muito bom dar a minha aula para os alunos. O melhor dia para as aulas são de segunda a sexta-feira. Sábado tenho que trabalhar na roça ou pescar.

Sofia Poyanawa

Nós índios Kaxinawa daqui do Jordão, ninguém sabe ler e escrever através do passado. Alguns de nós que aprendeu ler e escrever e tirar conta, foi porque trabalhava no meio do branco.

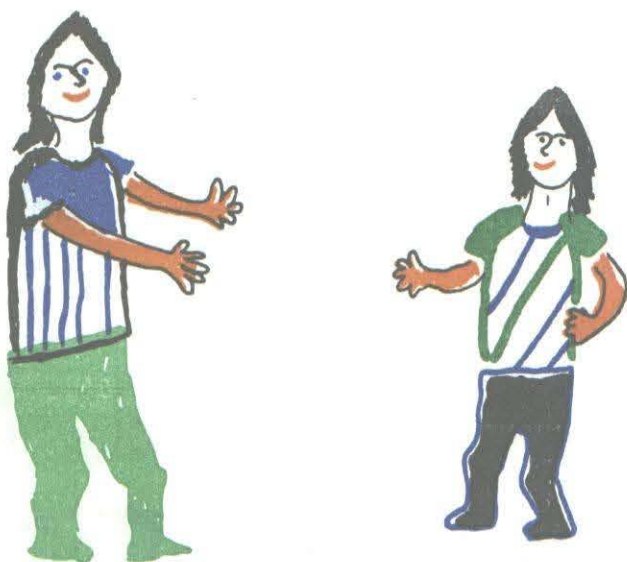
Agora, nós temos a nossa escola, e eu estou achando muito bom, porque mesmo os alunos estudando três dias, eles podem aprender. Já vejo muitos alunos inventando várias palavras.

Edson Medeiros Kaxinawa do Jordão, dezembro de 85.

Texto de formação do aluno Aduato Sales. 9/11/85.

Informação do texto por ordem do Monitor Norberto Sales, Aqui na Escola do Seringal Novo Segredo. Escola dos Índios Kaxinaua do Rio Yuraia. Nós estamos estudando de 18 pessoas, aqui na escola do Seringal Novo Segredo. Primeiro Monitor aqui no Seringal, era Francisco Senhozinho, dizendo que ele era o Monitor. Ele lecionava poucos dias. Ele não deu mais vontade de ser Monitor, ele acabou o lecionamento dele. E depois disso, chegou o outro Monitor Norberto Sales. Para ele lecionar aqui no Seringal Novo Segredo - Rio Yuraia. Nós começamos estudar nossa cartilha. Depois que nos informaram nosso estudo, até agora está indo tudo bem.

Aluno Aduato Sales falando com monitor.



O Monitor está pedindo os alunos, para fazerem os textos deles.

Os alunos estavam estudando na Escola Novo Segredo.



Publicando deste texto é o Monitor Norberto Sales Tenê, Índio Kaxinauã do Rio Yuraia, igual Rio Jordão, do Município de Tarauacã Acre.

COM QUAIS LIVROS VOCÊ GOSTA DE ENSINAR?

Na minha escola não existe nenhum livro da secretaria de Educação e se tivesse eu não ia usar, porque eu tenho a nossa cartilha que é muito bom para a gente aprender, como é bom para a gente ensinar.

Francisco Apurinã do Km 45

Eu não uso os livros da secretaria de Educação, porque nós temos os livros fabricado pelos monitores indígenas do Acre.

Mauricio Vinyo Katuquina

Eu acho melhor usar a nossa Cartilha que a gente publicou. Porque já temos mais conhecimento. Porque nós mesmos fizemos as letras, as palavras, as frases e os desenhos... Agora os livros da Secretaria têm muitas palavras que nós não entendemos. Se no caso, um dos alunos se confunde com palavras diferentes, até eu não vou saber explicar. Por isso eu estou usando os livros que eu já conheço. E assim mesmo ainda me confundo com as passagens dos sons parecidos.

Joaquim Manã Kaxinawá

Eu vou lhe contar sobre a explicação que eu dou para os alunos na língua do português, na cartilha do índio seringueiro.

Na primeira página da piaba eu ensino assim cada um aluno - eu ensino primeiro cada letra em letra - p - b - a e i o u. Depois que os alunos aprendem as letras, eu ensino as sílabas pa pe pi po pu, ba be bi bo bu. Depois que os alunos aprendem as sílabas, eu misturo as sílabas assim: pu ba a pa bu u bi pi bo pe o po e be i, aí eu peço alunos para dizer todas as sílabas e formar palavras.

Edson Ixã Kaxinawá

Nós fazemos uns desenhos para publicar uma cartilha nova. Para ensinar as crianças que estão crescendo na comunidade. Porque nós achamos que esta cartilha é muito importante para nós começarmos a ensinar as crianças que nunca pegaram em ponta de lápis. A cartilha da piaba é muito difícil para criança que nunca pegou em ponta de lápis. Porque na primeira página é criar palavras com as sílabas e a criança que nunca pegou em lápis não é capaz de fazer. Por isso é que nós queremos esta cartilha de treinamento, para que eles comecem a treinar as letras. E depois começar a cartilha piaba que já é uma matéria de quase 2ª série.

Joaquim Manã Kaxinawá

O QUE É PARA VOCÊ UM ALUNO ALFABETIZADO?

1- Para mim, um aluno alfabetizado é quando ele já lê, escreve, conta, desenha e etc.



Júlio Barbosa Kupi Kaxinawá

2 - Um aluno que sabe escrever bem e não erra nem uma palavra nas letras.

Júlio Raimundo Jaminawa

3- Eu acho que um aluno alfabetizado é o que sabe ler e escrever um pouco e um pouco de matemática para que não possam enganá-lo. Porque assinar o nome todo é importante.

Fernando Luiz Yawanawa

4- Um aluno alfabetizado para nós é muito importante. Porque quando eles se alfabetizam, podem fazer o mesmo trabalho que nós estamos fazendo. Até mais que isso eles podem fazer: O caso de saúde e educação e fazer política para defender as áreas indígenas.

Joaquim Moná Kaxinawá do Jordão

5- Bem, um aluno alfabetizado já está bem sabido no português, na sua língua, na matemática, ciência e geografia. É quando escreve tudo completo e está tirando as 4 operações de conta. Daí já se pode dizer que ele está alfabetizado.

Francisco Mário de Araujo Kaxi do Tamandaré

6- Um aluno alfabetizado é muito importante para ele. Importante por que? Porque ele estudou muito para se tornar sabido.

Divaldo Lima Apurinã do Canicuã

7- Eu vou fazer os alunos se alfabetizarem. Eu vou lutar para aprender e conhecer as coisas que eu não aprendi. Do mesmo jeito, eu vou lutar para ensinar aos meus alunos o que eles não sabem hoje e nem entendem. Como eu também não sabia. Mas vamos lutar para aprender a conhecer o mundo dos brancos.

Francisco das Chagas da Silva Baltazar Kaxi Humaitã



QUANTOS ANOS VOCE VE PARA SUA ESCOLA FUNCIONAR NA SUA ALDEIA?

Eu quero funcionar até quando eu não puder mais. Também estou muito interessado nisto: cada vez mais que eu dou aula, é mais que eu vou aprender.

Francisco Apurinã do km 45

Podemos funcionar a nossa escola enquanto nós estivermos vivos com saúde e com nossa vontade. E vocês vão ver a nossa escola funcionar todos os anos, enquanto tiver criança para estudar. A escola estará funcionando enquanto tiver cartilha para eles estudarem.

João Carlos Kaxi do Jordão

Podemos ver até dois mil anos, vamos organizar quem está atrasado 2000 para frente. Quando todo mundo souber organizar a nossa escola, funcionando em direção certa, daí, enquanto tiver criança, ensinando, vamos alfabetizar. Batizar no Rio Jordão sem sobrar nem um só passo, a mão na cabeça, menina e menino. Enquanto tiver vida, não tem fim.

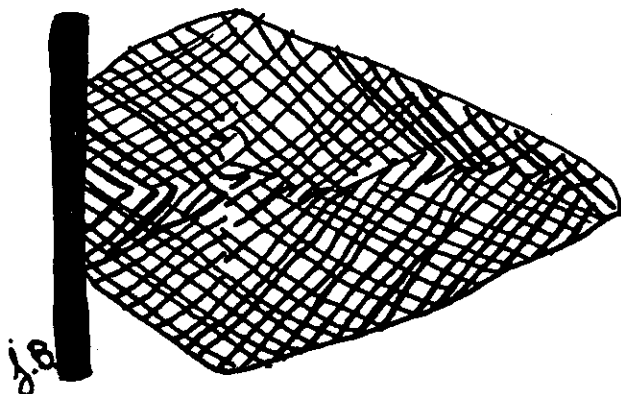
Osair Sales Kaxi

Enquanto a minha vida existir, a escola vai funcionar.

Joaquim Manã Kaxi do Jordão

Eu acho importante a minha escola funcionar toda vida para nós.

Orlando Katuquina



QUANTAS VEZES AO ANO VOCES GOSTARIAM E NECESSITAM DE SE REUNIR
COM OUTROS MONITORES PARA CONVERSAR?

Enquanto a escola não tiver organizada, necessitamos de nos reunir com outros professores, para saber o que é que falta ainda. Porque não está certo ainda. 83 começamos a nos reunir. Depois do curso de três meses em Rio Branco, os índios Kaxi começaram se reunir de seis em seis dias (nós do Jordão). Mas, em 84, passamos para dois em dois meses para nos reunir com nosso povo, sobre o nosso movimento da cooperativa. Os índios seringueiros sofridos nas mãos dos nawa. Dizendo para eles que nós vamos ter escola entre nós, por causa desse sofrimento, de cidadão, para saber o preço das mercadorias e o preço da borracha bem exato. Para fazer isso que nós fomos estudar em Rio Branco do Acre. Porque nós, índios do Acre e da Amazônia do Sul, não podemos ir na terra dos outros, porque dá confusão com quem mora nela. Então nossa terra é lá. Já está nas nossas mãos, mas, não está demarcada realmente, já está delimitada, morando gente, ocupando as colocações de seringa, organizando a nossa riqueza que nós temos, para nós mesmos, começar administrar a nossa cooperativa com nossa escola na aldeia sideral na floresta, funcionando com o próprio índio. Porque o governo de Brasília fica para apoiar os índios, só está querendo ganhar dinheiro no nome dos índios, gravata no pescoço e sapato bonito no pé, anda na rua com carro bonito, e há 16 milhões guardados no banco, pagando seus funcionários, sem conhecer as áreas dos índios. Os índios esperam anos e anos e nada de chegar professor; vai, volta no mesmo dia. Por isso que começamos a nos reunir, pra nós procuramos nossos direitos de saber ler e escrever, saber subtração, multiplicação, divisão, soma. Para a FUNAI conhecer nosso trabalho com força do presidente da Comissão Pró-Índio do Acre. Desde 1975 até 1984, sempre luta com nós. Terri. Ele faz projeto, quando

chega, ele entrega na mão dos índios mesmos. O livro que saiu, o pessoal da Pró-Índio adiantou a metade do livro com dinheiro deles e a outra metade estamos esperando dinheiro que vai chegar dos projetos do Sequi Meque: 25 milhões para pagar o resto e para pagar os monitores nas áreas indígenas e para comprar material escolar da FAE. (a sua disposição), para comprar merenda, para pagar transporte de viagem nas áreas indígenas, para ver as escolas como estão funcionando, para discutir com outro professor o que é que está faltando para a escola funcionar bem. Esses 25 milhões são para isso. E para chamar professor para fazer mais outros cursos em Rio Branco, para aprender as vogais e letras do brasileiro, para poder conhecer melhor. Deus não é só para uma pessoa. É para todo mundo que vive.

Osair Siã

Realmente, nós gostaríamos e necessitamos nos reunir de 3 em 3 meses, para discutir como estão funcionando as escolas: quantos dias por mês, ou semana, saber o que está necessitando com os alunos que estão estudando e perguntar aos alunos o que estão achando do professor, se o professor é bom ou ruim, porque não ensina direito.

Joaquim Paulo Maná

Com o professor do Rio Jordão, precisamos nos reunir todos os meses. E com os professores de outras áreas, como de outros rios, necessitamos nos reunir por ano, porque, por mês, nós não temos condições. Então é melhor se reunir por ano.

Norberto Sales Kaxi

Na minha opinião e se fosse possível, 2 vezes por ano seria bom.

Orlando Katuquina



VOCÊS PREFEREM TER CURSO NA ALDEIA, OU COM OUTROS MONITORES EM RIO BRANCO?

Nós achamos que é melhor ter curso em Rio Branco, pelo menos 1 vez por ano, está bom, para conversar com outros monitores e trocar de idéia.

Julio Barbosa Kaxi

Eu prefiro fazer o curso com os monitores em Rio Branco, porque eu aprendo muito mais a ensinar o português para meus alunos. Não só o português, como a Matemática, Ciências, História e muitas orientações. E eu, estando na aldeia, tudo que eu perguntar aos velhos, eles sabem me dizer, por isso não precisa a gente fazer curso na aldeia.

Desse ano, 84, 5 grupos estão querendo aprender, tudo para saber os trabalhos dos outros nove professores de oito nações diferentes no Acre e no Amazonas. Quando terminar, vamos discutir com outros professores, para saber como é que eles querem: se na sua aldeia ou na cidade, depois do curso de novembro. Mas, se tiver na cidade, é bom de dois em dois anos, para encontrar outros professores, para discutir sobre os trabalhos deles e trocar experiências.

Joaquim Kaxi

Nós preferimos outros cursos em Rio Branco juntamente com os outros monitores, porque nós queremos aprender outras coisas que nós não aprendemos.



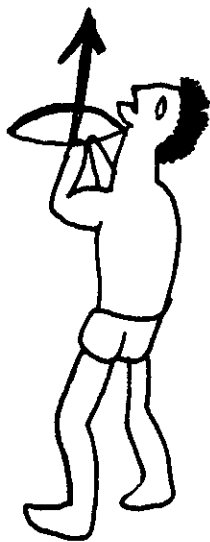
Orlando Assis Katuquina

Preferimos ter o curso em Rio Branco com outros monitores de outras tribos que é Apurinã, Jamináua, Yawanawá, Mantineri e Katuquina. Estamos reunidos junto deles, nós discutimos muitas coisas de nossa escola. Como está funcionando, para saber o que está necessitando na escola de nossas aldeias, se está indo bem ou se está indo mal. Se for indo mal, precisamos nos reunir para ajeitar essa escola.

Norberto Sales Kaxi

Nós preferimos ter curso com outros monitores em Rio Branco para discutir juntos com outras tribos, Yawanawá, Katuquina, Mantineri, Jaminawá, Apurinã, para saber quantas pessoas na sua aldeia e quantos alunos estão estudando na sua aldeia, quantos dias de aula estão dando por semana ou mês, que diferença estão achando depois do curso anterior. Discutir o nosso salário, discutir os monitores que faltam ainda e aprender juntos a falar português, os significados das palavras, discutir como vamos funcionar a escola depois do curso.

João Carlos Kaxi



1º CURSO DE MONITORES - 1983

Nós viemos para o curso de monitores indígenas para aprender a ler e escrever e tirar conta, que é multiplicar, dividir, somar e diminuir. Este curso foi conseguido pela Comissão Pró-Índio. Quando nós chegamos na nossa aldeia, nós vamos ensinar ao nosso povo que não veio, pra não ser mais enganado por ninguém. Porque, há muitos anos a gente foi enganado pelos brancos. Portanto, nós queremos aprender, porque nossa gente era muito enganada pelos brancos. Por isso, é importante nós aprendermos a ler e escrever e tirar conta para não ser enganado no peso da borracha, nem nos preços das mercadorias, e nem no acerto da conta. E como os brancos são sabidos, nós índios queremos também aprender para administrar a nossa cooperativa por nós mesmos.

Joaquim Paulo Kaxinawá

CARTA DOS ÍNDIOS ESTUDANTES AOS ESTUDANTES DE RIO BRANCO
1983

Meus amigos estudantes de Rio Branco, nós viemos aqui em Rio Branco para fazer um curso de monitor e o curso de enfermagem para aprender aplicar injeção e fazer curativo no golpe e saber dar remédios para curar as doenças. E o curso de monitor é para nós aprendermos a ler e escrever e depois ensinarmos nossos parentes que ficaram lá na nossa aldeia. Então, se nós estamos participando da semana dos índios do Brasil, significa dizer os direitos dos índios, os dias dos índios. Então, se nós estamos andando em todos os colégios de Rio Branco, não é passeando, nós apenas estamos pedindo uma força de vocês e do governador para ele ajudar aos índios do Acre na demarcação das nossas áreas. Então, se nunca o Governo ajudou os povos indígenas, os índios do Acre, então, nós queremos que o Governo ajude os índios do Acre para a demarcação das nossas áreas. Então, se nós estamos andando em todos os colégios de Rio Branco é para ver se vocês podem ajudar aos índios. Nós também estamos com a FUNAI, mas o Presidente da FUNAI afirma, mas não manda demarcar a nossa área. Então, se nós não temos mais esperança pela FUNAI, meus amigos e minhas amigas, os nossos problemas são esses.

Obrigado a vocês pela minha participação, nada mais do amigo de vocês, João Carlos da Silva, índio Kaxinawá do Jordão.

Meus amigos, eu vim aqui fazer um curso para eu aprender igual a vocês. Também eu sou um índio, eu não posso entender igual a vocês, mesmo porque eu não falo português claramente igual a vocês sobre o meu estudo daqui, como está se passando. Então, meus amigos, eu aqui estou aprendendo a ler e escrever. Então, esta semana é o dia do índio e eu quero me apresentar a vocês em cada colégio para vocês me conhecerem e eu também conhecer vocês. Então, meus amigos, vocês vão me desculpando e também obrigado e nada mais.

Assina Rubem Barbosa Kaxinawá do Rio Envira.

Saudações, meus queridos amigos estudantes de Rio Branco. Ao iniciar esta pouca linha, é somente para elogiar todos vocês. Olha, viemos de nossa aldeia para esse curso que estamos fazendo e contamos com a compreensão de todos vocês. Nós, sendo índio, nunca tivemos um estudo próprio, porque em nossas aldeias nunca teve. Nós sabemos a nossa língua indígena.

Como todos vocês estudantes, vocês sabem que para um índio é muito difícil aprender as coisas do branco, mas nós tentamos aprender. Aqui vou finalizar, aqui vão os meus agradecimentos, o meu muito obrigado. Um abraço e beijo para todos vocês, esperando que vocês aprendam mesmo, eu desejo tudo de bom para vocês. Nada mais.

Assina Mariazinha Luiza Yawanawa.



SOBRE O 2º CURSO DE MONITORES, 1985

Eu cheguei aqui em Rio Branco no dia 11 de janeiro. Seis monitores pra fazer um curso aqui em Rio Branco. Também nós encontramos outros índios: Katukina, Kulina, Apuriña, Jaminawá, Poianawá, Mantineri. Aí, nós começamos o curso no dia 21 de janeiro. O nosso professor e a professora, Luiz e Nietta. Eu estudei muitas coisas: português, geografia e também ciência. O Luiz deu aula parte de matemática, a Nietta deu a aula parte de português. Kanaú deu aula parte de geografia e também outra professora Verinha deu aula parte de ciência. Essas aulas eu achei muito importantes e principalmente português, pra eu aprender, pra ensinar na minha comunidade. Agora, sobre geografia e ciências eu não aprendi nada. Se eu estuda só português, eu aprendia muito. A outra coisa: Nós recebemos em dinheiro 50.000 (Cinquenta Mil Cruzeiros) de 10 em 10 dias. Outra coisa também: Nós recebemos gravador, máquina de bater, máquina para calcular, 2 gravadores, 2 máquinas para escrever, 5 para calcular para nós do Rio Jordão. Quando nós chegamos na nossa aldeia, vamos gravar a nossa estória dos antigos que contam nossos parentes velhos sobre a nossa vivência. Sobre as estórias, depois de gravar, nós batemos com a máquina pra tirar texto. A máquina e o gravador são para fazer isso.

Eu dormia na cama, tinha banheiro, tinha comida. Agora, outra coisa: eu tenho muita dificuldade pra aprender. Ainda eu quero aprender aqui em Rio Branco. Meu estudo é pouco, 4 meses de estudo. Por isso, eu estou escrevendo tudo errado.

Agora, eu sou monitor e vou ensinar as crianças. Eu já dei aula 3 meses, já tenho começo. Primeiro eu trabalhava na seringa, eu trabalhei 06 anos na seringa. Aí, deixei de cortar

seringa, comecei estudar só 3 meses. Aí eu fiquei monitor. Tenho que estudar muito pra aprender bem, pra ficar sabido .Eu tenho 19 alunos. Só isso eu posso contar sobre o curso. Eu sou índio puro, meu nome é Rufino Sales. Eu sou Kaxinawa do Rio Jordão. Eu tenho 23 anos, eu não sei falar a língua de vocês.

O nosso curso, eu acho, foi muito pequeno. Um Mês e poucos dias, eu não aprendi quase nada. Porque os cinco assuntos de estudo que nós estudamos, se for ao menos 5 ou 6 meses, eu posso aprender qualquer coisa. Mas, o que eu entendi, eu vou dar au la para meus alunos. Eu posso escrever, embora que errado, eu pos so ler, embora que eu não entendo, eu posso tirar as contas, pou cas, de somar, multiplicar, dividir e diminuir. Isso que é qua- tro operações de contas. Mas eu queria estudar ainda. Se a FUNAI vai informar de outro curso, nós podemos vir só os monitores.

Norberto Sales Kaxi=abril de 85

CARTA

Amiga coordenadora, venho através desta carta lhe pedir uma orientação para eu mandar mais um índio Yawanawá para fazer este curso que estão fazendo agora. Eu acho que é uma boa idéia, porque um é o monitor e o outro para atender de enfermagem. E se combinar comigo, me informe logo pelo rádio da FUNAI, que quando eu for, no fim do mês, eu levo o rapaz. Ele já tem experiência com enfermagem, o nome dele é Gildo Luiz, que é o nosso dentista. Quanto a mim, só vou poder ir no final do Mês, para ajudar a trocar idéia deste ensino indígena. Eu espero que este apoio de educação para as comunidade indígenas de nossa re gião seja frutificado para meu povo, que hoje sente a necessida de de progredir neste mundo dos brancos. Eu espero que esse ensino seja o começo da independência dos índios Acreanos.

Biraci Brasil - março de 1985.

rio Jordão

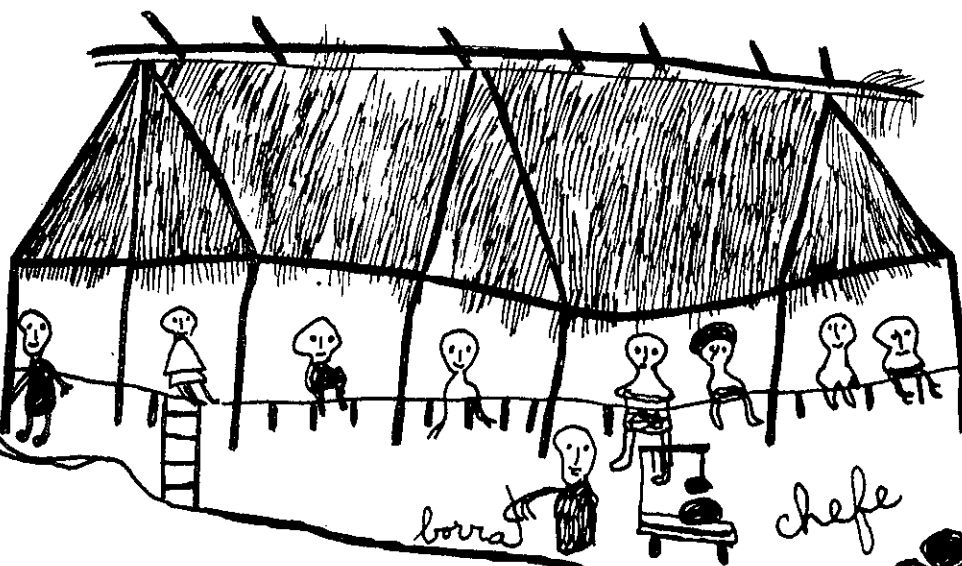


CRIAÇÃO DO ÍNDIO

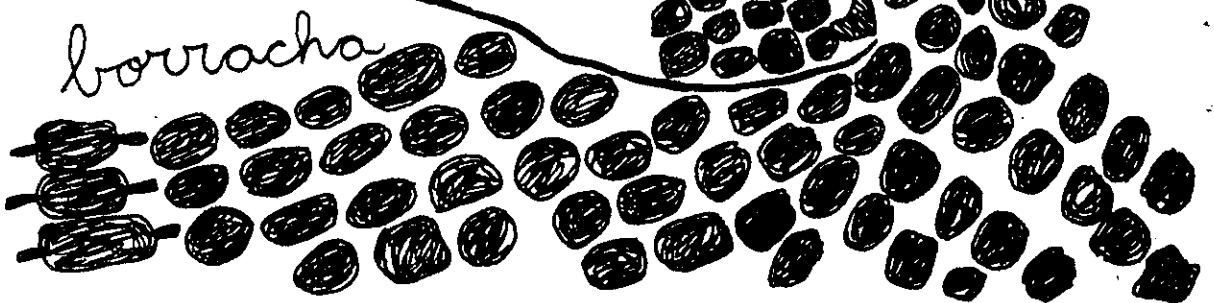
Foi criado em março de 83 um curso de formação de monitores indígenas do Acre. Porque, antes de nós fazermos esse curso, realmente ninguém nem tinha sonhado que ia surgir esse tipo de trabalho, como a gente já está trabalhando, com nossos alunos da comunidade indígena por nossa conta própria. Não precisamos mais do branco para funcionar a escola, a cooperativa.

O curso que eu fiz me serviu para estes tipos de trabalho. Em 85 eu não participei desse curso. Em 86 estou participando para fazer mais outros tipos de trabalho que a gente não faz. Quem não gostou da história, me conte outra.

João Carlos Kaxinawã Jordão



Cooperativa
Caxinawã
Osair Sales



Eu sou um índio monitor cacique da comunidade Apurinã da colocação Monte na margem do igarapé Pauini. Luto pela minha comunidade até o último ponto.

Eu fui chamado pela Coordenadoria e pela Comissão Pró-Índio para participar deste curso em Rio Branco. Nós índios monitores, estamos hospedados na F.D.R. H.C.D. Eu cheguei no dia 29 de janeiro e o curso foi começar no dia 3 de março de 1986.

Nós, monitores índios somos todos iguais, mas estamos divididos em nações: Apurinã, Katuquina, Mantineri e etc, com o total de 31 pessoas índios, todos amigos lutando em um só trabalho. Os nossos professores foram ótimos para mim e para todos. Na nossa sala de aula tem 32 cadeiras, 4 janelas, 1 porta, 8 bico de luz e um ventilador que não funcionava por causa do seu barulho. Este curso demorou apenas 32 dias e poderia demorar 2 meses, por causa de uns amigos índios monitores que se encontram mais atrasados do que os outros.

Vou terminando com poucas palavras escritas, mas que também dão para ser entendidas.

Narração: Edson Vieira Apurinã

DIÁLOGO

Eu cheguei e disse: - Meu pai, eu estou com vontade de ir embora.

O meu pai olhou para mim e disse: - Meu filho, é bom você frequentar até o fim desse curso.

- Meu pai, eu acho que o senhor está certo, porque é por isso que o nosso pessoal vive isolado, sem saber o que fazer. Se eu continuar estudando, daqui a 5 anos ou 6, eu já posso ajudar o nosso povo!

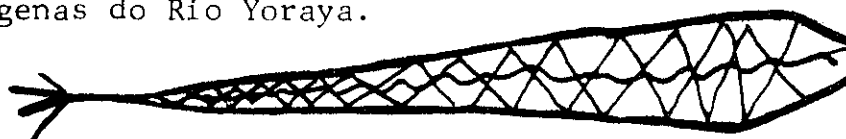
Meu pai disse: - Meu filho, você tem que entender que é só você que está lutando como é a vida do branco.

Meu pai disse outra vez: - Meu filho, você sabe que o nosso povo confia em você.

Francisco Apurinã

TEXTO DA ESCOLA 3 FAZENDA

A escola está indo muito bem. Só que alguns alunos estão mais ou menos atrasados, porque perdem muitas aulas. Dizem eles que tem muitos trabalhos nas suas casas. Por isso, não têm tempo de estudar. Dizem alguns alunos que eles vão estudar quando tiverem um tempinho. Nesse caso os professores não são os culpados disso. Como alguns alunos não estão perdendo as aulas, estão aprendendo qualquer coisa. Estão aprendendo a ler e escrever. E algumas operações de conta e ditado e alguns verbos, "Ser" e verbo "Estar" e alguns exercícios no plural e no singular. E ensinamos algumas coisas que aprendemos no português e na matemática. Com a nossa professora e o professor. Nos cursos que fizemos. E algumas coisas que nós entendemos no nosso entendimento. E nós estamos ensinando aos nossos alunos a coisa que nós achamos importante. Na nossa comunidade e na nossa escola. Algumas mulheres estão querendo formar uma escola de artesanato para ensinar aqueles que querem aprender a leitura do artesanato. Esta idéia foi formada na reunião das mulheres com a Cecília e a Bárbara, na viagem que deram nesta comunidade, visitando as escolas indígenas do Rio Yorayá.



O texto conta a realização da escola: que a escola está sendo realizada o diário de 2 dias por semana. Que esses 2 dias foram achados na reunião junto com os alunos. Porque, mais de 2 dias, não podemos dar as aulas. Porque nós precisamos de trabalhar e os alunos também precisam fazer os seus trabalhos. Como nós não podemos viver sem comer e sem beber, então, nós precisamos trabalhar na agricultura e caçar, pescar e criar algumas galinhas para nossa alimentação. E faço como o ditado, porque o saco seco não se põe em pé. Além disso, nós temos muitas coisas para discutir sobre a escola. Com as nossas professoras e o professor e alguns monitores de outras aldeias.

Joaquim Paulo Maná Kaxi

Seringal Novo Segredo, setembro de 1985 - 10/85 - Texto de José Matheus Inu Bake.
A festa do índio é mariri. Nós dançamos mariri. Nós pegamos a turma da colocação Salva Vida. Tavam dançando 36 pessoas no mariri, vestindo palha de jarina. Para animação de mariri, nós animamos assim: Dançando mariri no terreiro, chegou 6 horas da tarde, nós comemos 6 pratos de peixe, 6 pratos de macaxeira, 9 panelas de caiçuma de milho.

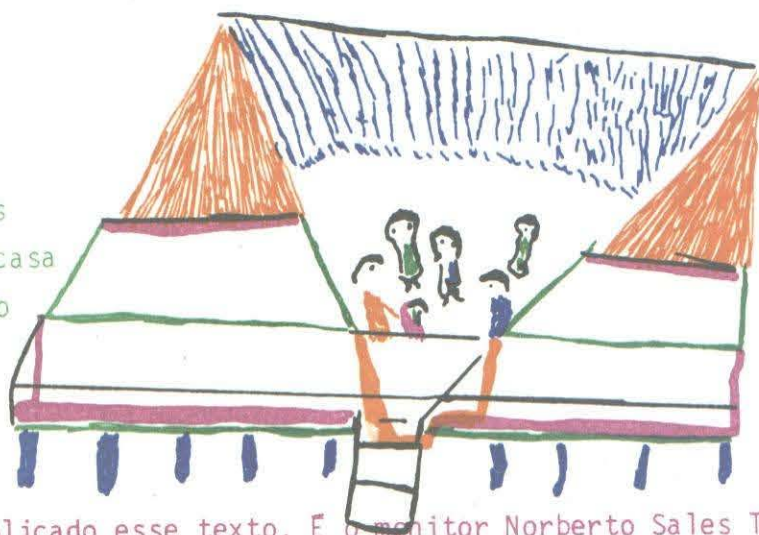
O dia amanheceu dançando mariri.

Os índios estão pulando de mariri com roupa de palha de jarina.



A outra informação de texto do José Matheus: Sobre reunião da mulher. Tava dando reunião delas, sobre alimentos. Que nós comemos com os animais, que nós pegamos doenças. Elas gastaram 2 dias de reunião da Barbara. Nos comemos com os animais, aí é que nós pegamos doenças. Isso é que reunião das mulheres gastaram 2 dias de reunião. Segunda feira e terça feira.

A reunião das mulheres na casa do enfermeiro Francisco Senhozinho



Foi publicado esse texto. É o monitor Norberto Sales Tenê.

ESCOLA BONDOSO DO ÍNDIO KAXINAWA DO RIO YURAIÁ

Eu vou lhe contar o que o velho Sueiro me disse do problema da escola.

O Sueiro veio em janeiro, para ajudar o Paulino na demarcação da nossa área. Outro dia ele me perguntou:

- Você dá aula para os alunos daqui?

Eu perguntei: - Por que?

E ele falou assim: - Olha, em 82, vocês foram estudar em Rio Branco, foram onze pessoas. Depois, vocês chegaram aqui seis monitores, mas até agora eu não achei bom, porque o meu neto Rufino não dá aula para os alunos dele. Assim me contaram os alunos, falaram que estão estudando com os crentes. O Joaquim também disse que deu aula só nove dias. É isso que eu não acho bom. Eu estou avisando para vocês, porque vocês já estão ganhando dinheiro. Vou ajudar Paulino a demarcar nossa área. Quando eu chegar de lá, se tiver a mesma coisa, vou falar com FUNAI, porque eu sou chefe da escola, lutei para conseguir escola na nossa área. Por isso eu posso denunciar. Porque lecionar na escola dois dias por semana não adianta. É por isso que eu posso acabar com a escola, falar lá em Rio Branco e em Brasília.

Aí, eu dei respostas: - É isso mesmo. Mas é o seguinte: Nesta escola, eu comecei a lecionar no mês de novembro de 1984. Antes eu não fui estudar em Rio Branco. Agora, em 1985, nós fomos fazer o curso em janeiro, passamos três meses em Rio Branco. Chegamos aqui na nossa escola em abril. O meu contrato de aula com os alunos é de dois dias por semana, eu adiantei mais um dia, ficaram três dias da semana. Porque os alunos são todos adultos, tem vinte e quatro alunos e só três são menores de quinze anos. São quase todos seringueiros, por isso eu dou aula três dias da semana. Também têm muitos alunos que moram duas, três horas de viagem da escola.

Edson Medeiros, novembro de 85



Português:

pa pe pi po pu
 ra re ri ro ru
 a e i o u

A prore par

bola beler

lelo leli lei

papai peia puia

1986

matemática:

$0 + 0 = 0$ $1 + 1 = 2$

$2 + 0 = 2$ $0 + 2 = 2$

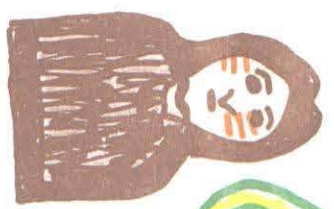
$3 + 0 = 3$ $0 + 3 = 3$

$\frac{12}{12} \frac{13}{13}$ $12 + 13 = 25$

$\frac{19}{19} \frac{5}{5}$ $19 + 5 = 24$

$\frac{2}{2} \frac{5}{5}$ $\frac{24}{24}$ $0 \times 0 = 0$

Escola Benderso
 de índio Kavi-
 mauri do rio
 Yruaia.



Letras misturadas
 A, B, C.

m r p x t o
 v z l u e t
 f d g a j m
 i c q s n

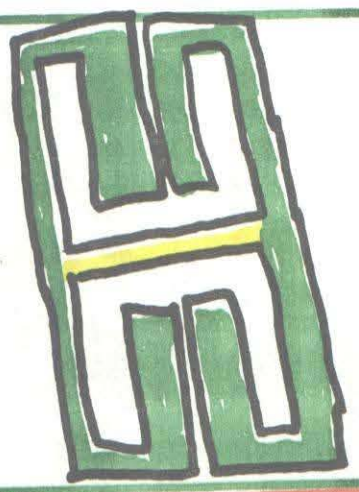
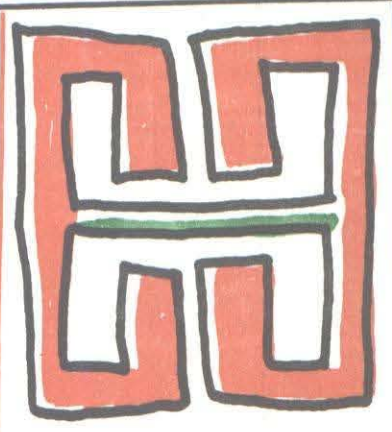
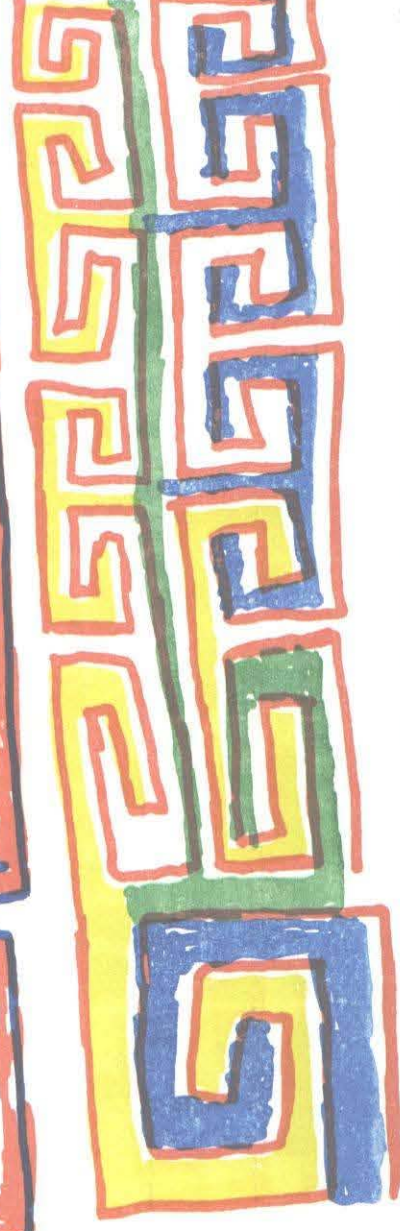
Escola
 Benderso.

ESCOLA JAMINAWA

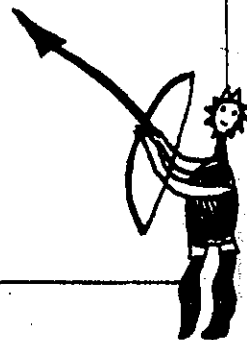
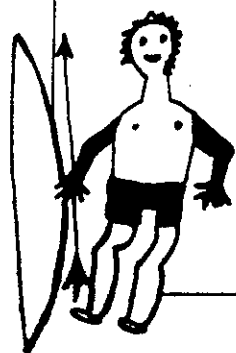
É o seguinte. Aqui a aldeia Senegal precisa de ajuda muito grande. Nós não temos casa de escola boa. Por isso, queremos ajuda da Funai, Comissão Pro-Índio e da UNI, porque o professor precisa da escola. Como pode lecionar? Se esses três órgãos acham que a comunidade pode construir uma escola, mandem os materiais para esta comunidade construir. Inclusive, eles são técnicos para fazer uma casa de palha. Não precisamos de uma casa de alvenaria.

Outra coisa, nós monitores indígenas, está bom de reunirmos para discutir sobre o nosso serviço, principalmente saber de nossa comunidade o que eles acham do nosso trabalho, se está bem organizado o nosso trabalho. Se a comunidade valoriza nosso serviço, nós monitores podemos continuar. É muito importante a gente mostrar o nosso trabalho para nossa comunidade e para o branco. A gente deve mostrar muito para este povo. Vou influir meus povos, vou mostrar para minha comunidade que eu sou índio interessado. Procurei defender meu povo indígena e na nossa área nós não precisamos de um professor branco. Se é de colocar um professor branco, coloque um índio, porque o índio já é nativo dali de dentro. Os alunos conhecem mais aquela pessoa, conhecem a cultura deles. O que acontece ali dentro, ele resolve. Sendo um branco, fica logo chateado. Aí, os alunos ficam com medo e não vão mais estudar. Sendo um índio, não, ele entende o que acontece ali dentro e ele resolve. Se os alunos não entendem o português, ele na realidade vai falar na sua língua própria para seus alunos. Então, é melhor ter um professor índio.

Julio Raimundo Jaminawa = julho 1985.



- Agora escreva e desene o que você pensa de sua escola:



COPYRIGHT:

DIREITOS AUTORAIS:

- Monitores Indígenas da Amazônia Ocidental:

- . Edson, Joaquim, Norberto, Isaias, Rufino, Anastácio, João Carlos, Osair, Kaxinawã do Jordão.
- . Evilásio, Kaxinawã do Breu
- . Júlio e Rubem Barbosa, Kaxinawã do Paroã
- . José Domingos e Raimundo, Kaxinawã do Purus
- . Francisco Mário e Francisco Chagas, Kaxinawã do Caucho e Tamandarê
- . Manuel Gomes, Kaxinawã do 27
- . Orlando, Fernando e Maurício, Katuquina Gregório e Campinas
- . José Augusto e Manuel Pereira, Katuquina Morada Nova e Paredão
- . Mariazinha e Fernando Luiz, Yawanawã
- . Júlio Raimundo, Jaminawa
- . Maria de Nazarê, Mantineri
- . Hélio, Edson, Divaldo, Francisco e Cleonice Apuriná do Peneri, Piquia, Camicuí, Km 45 e 124.
- . Sofia Poyanawa

- Comissão Pró-Índio do Acre - Setor de Educação

Endereço: Centro de Treinamento - Rua Rio Grande do Sul s/nº - Rio Branco-AC

LEVANTAMENTO DOS TEXTOS E DESENHOS:

- . Nietta Monte, Vera Olinda, Kátia Simone, Luiz Carvalho, Dedê Maia

REVISÃO E ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL:

Vera Olinda e Nietta Monte

COLABORAÇÃO:

EMATER-ACRE (Equipe Gráfica)

CAPA:

Edson Medeiros Ixã Kaxinawã

APOIO:

- Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP - MEC
- Projeto "Interação Educação e Diferentes Contextos Culturais" - minC
- Fundação Nacional do Índio - FUNAI - ADR - Rio Branco-Acre

Rio Branco, outubro/86

"E assim, com a força da discussão deles e nós profes-
sores, mostramos nosso trabalho, para vocês respeitarem as
Escolas da Floresta... para gente alfabetizar e fazer o
que nos pertence, defender nossa vida e nossa política..."
Siã Kaxinawé

